

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

GIULIO CESAR MAGLIO

**A EFICIÊNCIA DOS CONTRA-ATAQUES NO FUTEBOL: OS
MODELOS DE JOGO E O QUANTO INFLUENCIAM EM SUA
EXECUÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada
a Graduação da Faculdade de Educação Física
da Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do diploma de Graduação de
Bacharel em Treinamento Esportivo

Orientador: Antonio Carlos de Moraes

Este exemplar corresponde à versão final do
Trabalho de Conclusão de Curso apresentada
à Graduação pelo aluno Giulio Cesar Maglio
e orientado pelo Professor Dr. Antonio
Carlos de Moraes

Assinatura do Orientador

CAMPINAS, 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR ANDRÉIA DA SILVA MANZATO – CRB8/7292
BIBLIOTECA "PROFESSOR ASDRÚBAL FERREIRA BATISTA"
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA - UNICAMP

M278m Maglio, Giulio Cesar, 1980-
A eficiência dos contra-ataques no futebol: modelos de jogo e o quanto influenciam em sua execução / Giulio Cesar Maglio. – Campinas, SP: [s.n], 2011.

Orientador: Antonio Carlos de Moraes.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Futebol. 2. Futebol – treinamento técnico. 3. Eficiência. I. Araujo, Paulo Ferreira de. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: The effectiveness of counter-attacks in soccer: game models and how much influence in this execution.

Palavras-chaves em inglês:

Soccer

Soccer – training

Efficiency

Titulação: Bacharel em Educação Física

Banca examinadora:

Antonio Carlos de Moraes [orientador]

Paulo Ferreira de Araujo

Data da defesa: 02-12-2011

COMISSÃO JULGADORA

Antonio Carlos de Moraes
Orientador

Paulo Ferreira de Araujo
Titular da Banca

Antonio Carlos de Moraes
Titular da Banca

AGRADECIMENTOS

Agradeço a:

Deus, pela oportunidade de viver e aprender, de ser quem sou e de estudar nessa magnífica Universidade, tendo concluído o curso que sempre sonhei.

Meus pais, Carmine e Lourdes, por toda a dedicação e paciência que têm comigo até os dias de hoje;

Meu grande irmão, Bruno, maior incentivador desse trabalho, mesmo sem saber, por simplesmente confiar na minha capacidade;

Claudia, que sempre cuidou de nossos filhos (e de mim também), fazendo muitas vezes o meu papel, devido a minha ausência entre trabalho e estudos;

Aos meus filhos, Bruna e Luigi, fontes de minhas grandes alegrias, sendo os impulsionadores nos momentos mais difíceis;

Aos grandes amigos da faculdade, Carlão, Fernando, Moisés, Rodrigo, Anderson e Gustavo;

A todos os amigos e parentes que contribuíram para a formação de meu caráter, em especial, ao Josmar, meu irmãozinho, e a família Figueiredo, que sempre me acolheu como um dos seus, aos quais guardo muito carinho, mesmo a distância.

MAGLIO, Giulio Cesar, A eficiência dos contra-ataques no futebol: modelos de jogo e o quanto influenciam em sua execução, 2011, 66f. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

RESUMO

O futebol é um esporte que passa por uma época de grande atenção a preparação física, aliada ao desenvolvimento de modelos de jogo pragmáticos, em função da alta cobrança por resultados imediatos. Os treinadores mais aplicados, buscam incessantemente formas de jogar que possibilitem um maior número de ataques, e solucionem a escassez de gols que tem tomado conta das partidas de futebol. Saudosos torcedores e jornalistas relembram das áureas épocas em que o ímpeto em marcar gols, superavam as preocupações defensivas.

Nas duas últimas Copas do Mundo, em 2006 e 2010, as seleções italianas e espanholas foram campeãs tendo marcado apenas 10 e 7 gols, respectivamente, durante as 7 partidas realizadas, números bem abaixo dos 17 marcados pelo Brasil, em seu quinto título mundial, em 2002.

As jogadas de “bola parada” são, atualmente, responsáveis por considerável parcela dos gols no futebol, sendo aproximadamente 26% no presente estudo. Os demais gols, foram originados de ações com “bola rolando”, sendo que destes últimos, 45% foram conseguidos através de jogadas de contra-ataque.

Neste trabalho, através da análise de partidas de futebol das equipes campeãs das Copas do Mundo de 2006 e 2010, do Campeonato Italiano, Espanhol e da Liga dos Campeões da Europa temporada 2009/2010, além da Copa América 2007 e Copa das Confederações 2009, foi possível identificar os tipos de marcação e os sistema de jogos utilizados na recuperação de bola, que originaram contra-ataque que culminaram em finalizações, e, conseqüentemente gols.

Apresentamos dados estatísticos que possam servir de parâmetro para que os profissionais desenvolvam seus modelos de jogo e organizem seus treinamentos baseados nesses modelos.

Palavra-chave: Futebol; Contra-Ataque, Marcação, Eficiência, Finalização.

MAGLIO Giulio Cesar, The effectiveness of counter-attacks in soccer: game models and how much influence in its execution, 2011, 66s. Completion of Course Work - Faculty of Physical Education. State University of Campinas, Campinas, 2011.

ABSTRACT

Soccer is a sport that has been going through an age of great attention concerned to physical preparedness, allied to the development of pragmatic game models, due to the high demand for immediate results. The most efficient coaches pursue without fail ways of playing that can enable a higher number of attacks and can solve the shortage of goals in most soccer matches. Nostalgic rooters and journalists remember their past with great enthusiasm when the scoring of goals overcame the defensive worries. In the last two World Cups, in 2006 and 2010, the Italian and Spanish Teams became champions, having scored only 10 and 7 goals, respectively, during all 7 played matches, much fewer than those 17 scored by the Brazilian team, in its fifth world victory, dated 2002.

The still ball attack actions are, nowadays, responsible for a considerable part of scored goals, approximately 30% in the present study. The remainder of goals were originated from “playing ball”, in which in these last ones, 50% were scored through counter attack actions.

In this work, through the analysis of soccer matches played by the 2006 and 2010 World Cup Champions, the Italian and Spanish Championships, as well as the 2009/2010 Europe Champions League, besides the 2007 America Cup and 2009 Confederations Cup, we could notice the kind of markings and the tactics used to retrieve the ball that originated the counter attack that culminated in finalizations and, consequently goals.

We present statistic data that can be used as parameter so that professionals can develop their game schemes and thus organize their trainings based on these same schemes.

Keyword: Soccer, Counter Attack, Marking, Efficiency, Finishing.

Lista de Quadros e Tabelas

Quadro 1 – Partidas Analisadas.....	25
Tabela 1 - Finalizações - Itália - Copa do Mundo 2006.....	32
Tabela 2 - Finalizações - Brasil - Copa América 2007.....	32
Tabela 3 - Finalizações – Brasil - Copa das Confederações 2009.....	33
Tabela 4 – Finalizações Barcelona – Campeonato Espanhol 2009-2010.....	33
Tabela 5 - Finalizações - Inter de Milão -Campeonato Italiano 2009/2010.....	34
Tabela 6 - Finalizações - Inter de Milão - Liga dos Campeões 2009/2010.....	34
Tabela 7 - Finalizações - Espanha - Copa do Mundo 2010.....	34
Tabela 8 - Finalizações – Total.....	35
Tabela 9 - Gols – Itália - Copa do Mundo 2006.....	36
Tabela 10 - Gols - Brasil - Copa América 2007.....	36
Tabela 11 - Gols - Brasil - Copa das Confederações 2009.....	36
Tabela 12 - Gols – Barcelona – Campeonato Espanhol 2009/2010.....	37
Tabela 13 - Gols - Inter de Milão - Campeonato Italiano 2009/2010.....	37
Tabela 14 - Gols - Inter de Milão - Liga dos Campeões 2009/2010.....	38
Tabela 15 - Gols - Espanha - Copa do Mundo 2010.....	38
Tabela 16 - Gols – Total.....	38
Tabela 17 – Finalizações/Gols – Itália – Copa do Mundo 2006.....	39
Tabela 18 - Finalizações/Gols – Brasil – Copa América 2007.....	40
Tabela 19 - Gols – Brasil – Copa das Confederações 2009.....	40
Tabela – 20 - Finalizações/Gols – Inter de Milão – Campeonato Italiano 2009/2010.....	41
Tabela 21 - Finalizações/Gols – Inter de Milão – Liga dos Campeões 2009/2010.....	41
Tabela 22 - Finalizações/Gols – Barcelona – Campeonato Espanhol 2009/2010.....	41
Tabela 23 - Finalizações/Gols – Espanha – Copa do Mundo 2010.....	42
Tabela 24 - Finalizações/Gols.....	42
Tabela 25 - Densidade Ataque/Defesa - Itália - Copa do Mundo 2006.....	43
Tabela 26 - Densidade Ataque/Defesa - Brasil - Copa América 2007.....	43
Tabela 27 - Densidade Ataque/Defesa - Brasil - Copa das Confederações 2009.....	44
Tabela 28 - Densidade Ataque/Defesa – Barcelona – Campeonato Espanhol 2009/2010.....	44

Tabela 29 - Densidade Ataque/Defesa - Inter de Milão - Campeonato Italiano 2009/2010.....	44
Tabela 30 - Densidade Ataque/Defesa - Inter de Milão - Liga dos Campeões 2009/2010.....	44
Tabela 31 - Densidade Ataque/Defesa- Espanha - Copa do Mundo 2010.....	45
Tabela 32 - Densidade Ataque/Defesa - Total.....	45
Tabela 33 - Região de Finalização - Itália - Copa do Mundo 2006.....	46
Tabela 34 - Região de Finalização – Brasil – Copa América 2007.....	46
Tabela 35 - Região de Finalização – Brasil – Copa das Confederações 2009.....	47
Tabela 36 - Região de Finalização – Barcelona – Campeonato Espanhol 2009/2010.....	47
Tabela 37 - Região de Finalização - Inter de Milão - Campeonato Italiano 2009/2010.....	47
Tabela 38 - Região de Finalização - Inter de Milão - Liga dos Campeões 2009/2010.....	47
Tabela 39 - Região de Finalização – Espanha – Copa do Mundo 2010.....	48
Tabela 40 - Região de Finalização – Total.....	48
Tabela 41 - Tipos de Marcação nos Contra-Ataques - Itália - Copa do Mundo 2006.....	49
Tabela 42 - Tipos de Marcação nos Contra-Ataques - Brasil - Copa América 2007.....	50
Tabela 43 - Tipos de Marcação nos Contra-Ataques - Brasil - Copa das Confederações 2009.....	50
Tabela 44 -Tipos de Marcação nos Contra-Ataques – Barcelona – Campeonato Espanhol 2009/2010.....	51
Tabela 45 - Tipos de Marcação nos Contra-Ataques - Inter de Milão - Campeonato Italiano 2009/2010.....	51
Tabela 46 - Tipos de Marcação nos Contra-Ataques - Inter de Milão - Liga dos Campeões 2009/2010.....	52
Tabela 47 - Tipos de Marcação nos Contra-Ataques - Espanha - Copa do Mundo 2010.....	52
Tabela 48 - Tipos de Marcação nos Contra-Ataques – Total.....	52
Tabela 49 - Quanto a zona de recuperação da bola – Total.....	54
Tabela 50 - Quanto à região de recuperação da bola - Central ou Laterais.....	55
Tabela 51 - Marcação e a zona de recuperação de bola nos contra-ataques – Total.....	55
Tabela 52 - Tipo de marcação e a região de recuperação de bola nos contra-ataques.....	56
Tabela 53 - Tipo de marcação e a região de recuperação de bola nos contra-ataques.....	56

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REVISÃO DE LITERATURA	12
3	METODOLOGIA	25
4	RESULTADOS	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
	APENSO I – FORMULÁRIO DE ANÁLISE DE JOGOS	65
	APENSO II – CAMPOGRAMA DE FINALIZAÇÃO GIULIO	66

1. INTRODUÇÃO

O futebol é um esporte que passa por uma época de grande atenção a preparação física, aliada ao desenvolvimento de modelos de jogo pragmáticos, em função da alta cobrança por resultados imediatos. Esses fatores ocasionam uma diminuição nos espaços próximos as zonas de finalização, tornando o gol um fato raro, com grande dependência de jogadas de bola parada, ou seja, faltas, escanteios e, mesmo, cobranças de laterais. É necessária uma busca por informações que contribuam para uma atuação efetiva por parte do treinador de futebol, buscando o desenvolvimento de sistemas de jogo que possibilitem um maior número de oportunidades de finalizações.

Em 1993, Garcia e Álvarez (apud Ortega, 2002) realizaram um estudo com 20 treinadores profissionais de futebol, a maioria da Primeira e Segunda Divisão da Espanha, no qual perguntava-se a importância de aspectos como técnica, tática, preparação física e psicológica na preparação de uma equipe. Nesse trabalho, a tática alcançou uma porcentagem de 23,1%, ficando abaixo dos 29,3% da preparação técnica e 27,2% da preparação física. Em estudo similar, em 1997, Garganta (apud Ortega, 2002), os números apontavam uma importância maior para a tática, 28,9% , para os treinadores entrevistados. A evolução das táticas de jogo, principalmente da parte defensiva, tornam primordial a construção de ataques em momentos de desorganização defensiva adversária, ou seja, com os jogadores adversários longe de seu posicionamento defensivo original. Como solução para a escassez de gols com bola rolando, é primordial a construção de ataques, a partir da recuperação da posse da bola e transição da defesa para o ataque de forma rápida, objetivando alcançar as zonas de finalização com a equipe adversária em desorganização defensiva e inferioridade numérica.

O presente estudo tem o objetivo de apresentar parâmetros que auxiliem os treinadores de futebol a construir seus modelos de jogo, para que consigam maior chances de êxito de acordo com as necessidades individuais de cada equipe, em cada partida ou competição. Para isso, utilizaremos de um *scout* direcionado pelo formulário de análise de jogos, objetivando a aferição de padrões comportamentais das equipes em estudo, e explicitando os resultados obtidos com cada modelo de jogo.

Desse modo, os resultados dessa pesquisa mostrarão um mapa estatístico, tornando visível como os gols foram alcançados nas competições em questão, de acordo com as finalizações produzidas através de bola parada, ataque posicional, contra-ataque ou ataque

rápido, possibilitando a identificação dos meios mais efetivos para o alcance de gols. Segundo Barbosa (2009), “antigamente as equipes de nível inferior utilizavam com maior frequência o contra-ataque como seu método de jogo ofensivo”. E ainda: “Contudo atualmente o contra-ataque tem um grande “peso” no processo ofensivo das equipes de topo, visto demonstrar ser um método bastante eficaz, procurando aproveitar rapidamente o desequilíbrio das equipes adversárias.” A partir daí, comprovada a importância dos contra-ataques na produção de gols com *bola rolando*, o objetivo passou a ser a investigação de como esses contra-ataques foram alcançados, ou seja, de que forma deve-se defender uma equipe, para que possibilite a produção de um contra-ataque propício a obter maior êxito.

2. REVISÃO DA LITERATURA

“O jogo de futebol é um desporto coletivo no qual os intervenientes (jogadores), organizados em duas equipas, lutam incessantemente, num espaço e tempo perfeitamente definidos, pela conquista da posse de bola com o objetivo de introduzi-la na baliza adversária, respeitando as leis do jogo” (CASTELO, 1994, apud Quina, 1999). De fato, esta permanente relação de sinal oposto no confronto entre as equipas (ataque e defesa), aliada à variabilidade, alternância e aleatoriedade inerentes às situações de jogo, conduz a mudanças alternadas de comportamentos e atitudes, que devem ser consentâneos com o objetivo de jogo (o gol) e com as finalidades de cada situação (ataque ou defesa) (Garganta, 1997). “Assim, a complexidade desse esporte está ligada a uma alternância permanente entre ordem e desordem que se desenrola ao longo do jogo de Futebol e dentro de uma equipa em particular” (Azevedo, 2011).

No jogo de Futebol são identificadas duas fases: a fase defensiva e a fase ofensiva (Castelo, 1996, apud Quina, 1999). A fase defensiva é quando não se tem a posse da bola (estando sob o controle direto do adversário), tendo como objetivo recuperar a sua posse para, dessa forma, passar a atacar. Relativamente à fase ofensiva, Castelo acrescenta que “só o processo ofensivo contém em si uma ação positiva”, fazendo referência à “conclusão lógica – o gol”, partindo da posse da bola como meio para controlar a obtenção do mesmo.

Quina, em 1999, aponta que

[...] o tempo de jogo está perfeitamente regulamentado, é de noventa minutos. Mas o tempo de jogo efetivo é de mais ou menos cinquenta minutos. Durante este tempo, cada equipa poderá estar de posse da bola cerca de vinte e cinco minutos e cada jogador apenas entre trinta segundos (defesas centrais) e três minutos (condutores de jogo). Durante todo o restante do tempo, os jogadores recolhem e selecionam informação, analisam-na e tomam decisões.

Estas constatações implicam que sejam clarificadas as relações entre técnica e estratégia e que se atribua a devida importância ao jogo sem bola (Garganta e Pinto, 1994, apud Garganta, 1997).

Segundo Quina, o sistema de jogo deve ser entendido não apenas como uma das dimensões tradicionais do jogo, mas sim como a dimensão unificadora que dá sentido e lógica a todas as outras. Os primeiros sistemas de jogo priorizavam os jogadores de ataque.

O sistema piramidal foi o mais utilizado até o ano de 1925, quando fora alterada a lei do impedimento, para a forma atual, diminuindo o número de jogadores defensivos entre a linha de fundo e o jogador a receber o passe, de 3 para 2, incluindo o goleiro. O piramidal era composto por dois zagueiros, três meias e cinco atacantes. Antes dele, na Escócia, era utilizado um sistema com dois zagueiros, dois meio-campistas e seis atacantes (Group, 1979, p. 118). A partir daí surgiu o conhecido “WM”, ou 3-4-3 segundo alguns autores, que continha três zagueiros, dois meias defensivos, dois meias ofensivos e três atacantes. Esse sistema, criado por Herbert Chapman, do Arsenal, o primeiro gênio entre os treinadores de futebol (Holt et al, 2005), que transformou um dos meio campistas em zagueiro, algo muito parecido com os volantes exclusivos de marcação utilizados atualmente, posicionados a frente dos dois zagueiros; e ação ofensiva era liderada por médios extremos e atacantes centrais; vista do alto, essa configuração tinha o aspecto WM (Group, 1979). Segundo Vendite (2006). o WM, que iria durar por mais 30 anos, surgindo em decorrência da mudança da regra do impedimento pela International Board, facilitou o desempenho dos atacantes, agora eles tinham maior agressividade em procurar o gol adversário. Com esta mudança, a equipe poderia colocar um jogador próximo do penúltimo da defesa, já que o último era o goleiro. “Assim, o técnico Herbert Chapman teve que reforçar a defesa da sua equipe foi obrigado a desaparecer com a função do centro médio, que foi substituído por um terceiro zagueiro, que se posicionava no centro do campo, entre os dois zagueiros e na frente do gol” (Vendite, 2006).

No mesmo estudo, Vendite explica que o sistema WM sofreu modificações, lançando o Sistema Diagonal, praticado pelos brasileiros até 1958, onde os três zagueiros jogavam mais soltos. O médio e o meia recuaram mais. Este movimento pendular impulsionou o sistema 4-2-4, onde os meias e os médios oscilavam na defensiva e na ofensiva. Em 1962, surge na seleção brasileira o 4-3-3, que viria a progredir para o 4-4-2, bem comum nos dias de hoje. Em 1983, o técnico da Dinamarca, Sepp Piontek, implantou em sua seleção o 3-5-2, capaz de levá-los às oitavas de final da Copa do Mundo de 1986, e utilizado pelos campeões mundiais Alemanha, em 1990 e Brasil, em 2002 (Valdano et al, 2006). Desses sistemas citados, desenvolveram-se similares com 5-3-2, 5-4-1, 3-6-1, 4-5-1, 4-3-1-2, 4-2-2-2, entre outros.

Podemos perceber que a evolução dos sistemas de jogo se deu de uma composição com mais atacantes para uma composição com menos atacantes e mais defensores. Passou a ser prioridade não levar gols no jogo, e assim além das evidências

numéricas dos sistemas de jogo, temos ainda as mudanças das características dos jogadores utilizados em cada área, tornando equipes mais defensivas do que os próprios códigos numéricos demonstram. Os técnicos utilizam zagueiros nas laterais, no meio de campo, ao invés de dois serem defensivos e dois ofensivos, passam a usar um triângulo com três meias defensivos e apenas um ofensivo.

De acordo com Leitão (2009),

[...] se entendermos que, no jogo de futebol, o comportamento de jogadores e de equipes deve ser regido pela busca ao gol, de maneira que ela (a equipe) consiga fazê-los em maior número que o adversário – e não pelo “anti-lógico”, “fazer gols e não sofrê-los” – perceberemos algo que é óbvio, e que por ser óbvio, parece não ser enxergado: “só se arrisca a fazer gols quem se livra da bola – finalizar ao alvo é perder a posse dela” (Leitão, 2009).

É perceptível que as equipes que, sistematicamente, conseguem criar superioridade numérica nas sucessivas situações de jogo têm todas as probabilidades de as poderem resolver a seu favor. “E a equipe que mais situações de jogo ganhar, mais probabilidades têm de ganhar o jogo” (Quina, 1999).

Azevedo, em seu livro em 2011, acrescenta: “daí que não baste “só” defender ou “só” atacar, é imperativo “ligar” estes dois momentos, no sentido de os potencializar para um rendimento superior com base num entendimento global do jogo”. Por isso, Jorge Valdano (citado por Guilherme Oliveira, 2008) refere que “as equipes devem saber atacar e defender”. Algumas sabem algo mais: fazer transições”.

Na mesma obra, Azevedo cita que como tal, não surpreende que diversos treinadores (Van Gall, J. Mourinho, J. Ferreira, V. Frade, J. Valdano, entre outros, citados por Guilherme Oliveira, 2008) evidenciem quatro momentos do jogo de Futebol: momento de organização ofensiva; momento de transição ataque-defesa; momento de organização defensiva; e momento de transição defesa-ataque.

O momento de transição ataque-defesa é caracterizado pelos comportamentos que se devem assumir durante os segundos após a perda da bola (mudança de atitude ofensiva para defensiva), e que coincidem com uma desorganização momentânea de ambas as equipes para as novas funções que têm de assumir. O momento de transição defesa-ataque é caracterizado pelos comportamentos que se devem adotar durante os

segundos imediatos à conquista da bola (mudança de atitude defensiva para ofensiva), estando às equipes desorganizadas para as novas funções, sendo o objetivo aproveitar a desorganização adversária e arranjar espaço para proveito próprio (Azevedo, 2011).

Diante das informações supra descritas, é possível verificar o quanto são disputados os espaços do campo nas regiões de finalização, pois as equipes jogam cada vez mais compactas, ou seja, com pouco distanciamento entre as linhas de defesa e meio campo, e entre estas e a de ataque. Visto que as equipes atuais apresentam defesas reforçadas, a velocidade na transição defesa-ataque torna-se essencial para que as equipes possam aproveitar os momentos de desequilíbrio da equipe adversária, não permitindo que esta se (ré)organize (Barbosa, 2009).

Dessa forma, torna-se necessário conceituar os métodos de ataque, que são definidos, também, pela forma e velocidade da transição defesa-ataque. São três os métodos básicos de organização de ataque: ataque posicional, ataque rápido e contra-ataque.

O ataque posicional tem como características fundamentais: uma elevada elaboração da fase de construção do processo ofensivo; ataque em bloco homogêneo e compacto, com ações de apoio e cobertura ofensiva; participação de muitos jogadores e execução de muitas ações técnico-táticas; comportamentos visando maior segurança e menor risco de perda da posse de bola (Quina, 1999).

O ataque rápido acontece quando a equipe adversária já esta organizada defensivamente. Além disso, tem características muito parecidas com as do contra-ataque: passes rápidos, curtos e longos, acompanhado de desmarcações de ruptura em largura; tempo máximo de realização de até 18 segundos (Barbosa, 2009).

O contra-ataque tem como características: rapidíssima transição da bola da zona de recuperação da bola para a zona de finalização; construção do processo ofensivo em tempo inferior a 12 segundos; grande velocidade da circulação da bola e dos jogadores; número reduzido de jogadores participando da ação de ataque (máximo 4); baixa organização da defesa adversária.

Em relação aos padrões de jogo ofensivo, Barbosa afirma que o contra-ataque e o ataque-rápido, sendo caracterizados por uma maior velocidade de transmissão da bola e deste modo um menor número de contatos com a mesma, serão aqueles que com maior frequência se atingirá a baliza adversária. E ainda, complementa que o contra-ataque revela ser o modelo de jogo ofensivo onde existe um maior número de sequências ofensivas positivas, isto porque se privilegia um jogar mais direto, e neste sentido aproveita-se o

desequilíbrio da equipe adversária, propiciando um maior número de oportunidades para finalizar do que um método de jogo mais elaborado.

Barbosa, em seu estudo em 2009, constatou que um menor tempo de duração do ataque (0 a 15 s), assim como um menor número de passes (0 a 4 passes) e de jogadores intervenientes (0 a 4 jogadores) em cada sequência ofensiva leva a uma maior frequência de sequências ofensivas positivas. Deste modo, um estilo de jogo direto, caracterizado por uma elevada velocidade do processo ofensivo, assim como por uma redução e simplicidade das suas ações, tende a conduzir a uma maior eficácia ofensiva das equipas (relativa e absoluta). Verifica-se assim que os padrões de jogo que se revelam mais eficazes são o contra-ataque e o ataque-rápido, pois ambos possuem características de um estilo de jogo direto.

No mesmo estudo, o autor afirma que relativamente, o contra-ataque revelou ser o método de jogo ofensivo com maior eficácia ofensiva para quase todas as equipas analisadas. Gonçalves (2005, apud Barbosa, 2009), num estudo realizado sobre a eficácia do processo ofensivo em equipas de diferentes campeonatos, concluiu que o contra-ataque foi o método de jogo que originou maior número de sequências ofensivas positivas para todos os campeonatos analisados.

Podemos colocar que se faz necessário e urgente contribuir para a melhoria desse quadro, que de forma geral permeia a atuação dos técnicos que trabalham baseados no conhecimento científico, visto a importância de uma intervenção segura, baseada em resultados alcançados, para o aprimoramento dos modelos de jogo do esporte mais acompanhado no planeta.

José Mourinho, renomado técnico de futebol, em 2005, afirmou “a tática é importante, a verdadeira essência do desporto coletivo”(Azevedo, 2011).

O Modelo de Jogo é um conjunto de princípios, regras de ação e de gestão que orientam e permitem a regulação do processo de treino, possibilitando ao treinador e aos jogadores conceber o planeamento que se deve seguir, em função dos objetivos formulados (Garganta, 2003, apud Azevedo, 2011). Torna-se então necessário que o treinador selecione de uma forma criteriosa os objetivos, os exercícios e os comportamentos a adotar pelos jogadores no processo de treino, para que, posteriormente, possa vir a ter êxito na competição (Azevedo, 2011).

Para Azevedo, é obrigatório que o treinador esteja perfeitamente convicto da sua concepção de jogo, das suas ideias fundamentais e dos grandes princípios que vão orientar todo o processo de treino e aprendizagem. Porém, o sistema de jogo deve ser entendida não apenas como uma das dimensões tradicionais do jogo, mas sim como a dimensão unificadora que dá sentido e lógica a todas as outras. Em que o treinador como modelador de um determinado *jogar*, transporta para um universo teórico aquilo que a prática lhe mostra.

Portanto, este estudo pretende fornecer conteúdo comparativo entre os diversos sistemas defensivos, auxiliando no trabalho tático dos treinadores de futebol que buscam um modelo ou referencial, e que carecem de uma análise quantitativa e qualitativa dos jogos de futebol, para que possam implantá-los na prática, tendo como principal objetivo a busca pelo gol. Isso pois, é essencial que o treinador saiba muito bem aquilo que pretende em cada momento do seu jogar, definindo uma série de comportamentos e uma articulação entre eles, que vão permitir que a equipe apresente uma identidade específica. Se o treinador souber exatamente aquilo que pretende para a sua equipe, como quer que jogue e os comportamentos que os jogadores apresentem, tanto em termos individuais como coletivos, certamente que todo o processo de treino e de jogo será mais facilmente organizado e controlado (Azevedo, 2011). Para isso, são precisos dados que explorem minuciosamente as ações ofensivas das principais equipes, nas diversas competições disputadas nos principais centros, ferramenta que auxiliará na construção do modelo de jogo.

Ficamos a perceber claramente que o processo de construção do Modelo de Jogo de uma equipe de Futebol implica um conjunto de temas que devem ser considerados permanentemente. Sabemos que nenhum desses temas tem maior importância do que os demais e, portanto, devemos entender o peso de cada um, como se articulam e devemos ainda considera a sua interação constante, com o intuito de definirmos muito bem o Modelo de Jogo que pretendemos instituir num determinado clube (Azevedo, 2011). Assim, esse estudo busca apontar apenas uma dessas vertentes, pretendendo desenvolver um mapa estatístico contendo o aproveitamento de contra-ataques de acordo com os modelos defensivos de diversas equipes nacionais e internacionais (seleções) do futebol masculino profissional, que servirá como base para o desenvolvimento de táticas defensivas a serem implantadas no país, visando uma melhor transição ofensiva, na busca pelo gol.

Apontar as regiões de recuperação de bola, de acordo com as formas de defesa (zona passiva, zona de pressão à bola, zona pressing, individual, individual por

setor(mista)); princípios operacionais (recuperar a posse de bola, impedir a progressão ou proteger o alvo e impedir a finalização; formas de aquisição de bola (interceptação, desarme, erro do adversário, saída de bola e gol adversário), zona de recuperação de bola (campograma adaptado de Garganta).

Apresentar comparações entre o número de finalizações a partir de contra-ataque e demais formas de ataque, de acordo com os modelos táticos, a região e o aproveitamento dessas finalizações.

Elencar os modelos de jogo mais adequados para a utilização dos contra-ataques como alternativa principal para a construção de jogadas ofensivas.

Segundo Parreira (2005), a marcação em zona é aquela na qual cada zagueiro se vê confiar à responsabilidade de uma determinada zona de campo, na qual ficava incumbido de qualquer adversário. O mesmo autor se aprofunda no assunto, esclarecendo que *cada* jogador será responsável por um setor (zona), marcando quem penetrar neste setor. Se o oponente se desloca de uma zona para outra, o responsável passa a ser o outro companheiro. Neste momento a comunicação entre os atletas é essencial. Todos os jogadores devem dar cobertura uns aos outros e moverem-se, sempre juntos, coordenadamente para o lado da jogada – neste tipo de marcação – marca-se a bola e o homem dentro da zona.

A marcação em zona tem como premissa a otimização da ocupação dos espaços, impondo controle posicional regional e buscando obter vantagem numérica nos diversos setores do campo de jogo (Leitão, 2009). Garel (1974, apud Amieiro, 2005), define que a defesa em zona consiste em manter um bloco defensivo entre a bola e a baliza, na qual cada jogador é responsável por uma determinada área, onde intervém nessa zona sempre que a bola aí entra, sem existir preocupação com a posição dos adversários. Já Castelo (1996, apud Bessa, 2010) caracteriza aquilo que define “método à zona” através dos seguintes aspectos: I) “é a lei do um contra um”; II) cada jogador é responsável por uma determinada zona do campo (perfeitamente delimitada) e intervém desde que aí se penetre a bola, o portador da bola ou qualquer adversário sem bola (a responsabilidade do defesa está em função da zona e não do adversário); III) “forma-se uma primeira linha defensiva perto da bola, forçando os adversários a ter que a contornar, simultaneamente organiza-se uma outra linha defensiva que assegura cobertura permanente à primeira linha defensiva”; IV) “esta forma de organização defensiva baseia-se fundamentalmente em ações técnico-táticas coletivas de entreaajuda

permanentes”; V) utilização da chamada defesa em linha tentando tirar partido da lei do impedimento.

Na opinião de Caneda Pérez (1999, apud Bessa, 2010), existem três referências fundamentais para a orientação e o posicionamento dos defensores: a posição da bola, dos companheiros e dos adversários. Deste modo, menciona que uma equipe defende à zona quando um jogador é responsável por uma parcela do terreno do jogo, dentro da qual vai modificando a sua posição em função do local de onde se encontra a bola, os seus colegas de equipe e os oponentes.

Para Amieiro (2005), quando se defende à zona, os espaços são a grande referência-alvo de marcação, sendo de grande importância que as equipes saibam fechar os espaços de jogo mais valiosos, próximos à bola, para condicionar as ações da equipe adversária. Como referência, também, são consideradas a posição da bola e a posição dos companheiros. Sendo assim, coordenadamente os jogadores fecharão os diferentes espaços de acordo com a posição da bola, havendo coberturas sucessivas, através de linhas defensivas consecutivas.

Nos parâmetros a serem utilizados, foi realizada uma divisão na marcação em zona, de acordo com a postura coletiva da equipe, em zona passiva, zona pressão a bola e zona pressing.

A marcação passiva é aquela que busca “forçar” o adversário ao erro quando ele está de posse da bola (Leitão, 2009). Segundo Ramos (2005), a zona passiva se configura com uma oposição passiva, no meio-campo defensivo, com a defesa recuada no terreno, sem procura ativa da bola, em que há uma procura clara por parte de quem defende, do erro de quem tem a posse de bola. É uma defesa equilibrada com elevada percentagem dos jogadores colocados atrás da linha da bola (igual ou superior a 80%). Parreira (2005) conclui que na marcação por zona é necessário ter paciência, porque se um defensor que dá combate é batido na jogada, pode-se comprometer ou abrir espaços em toda a defesa. Por isso os jogadores devem se manter sempre na posição de espera, aguardando o momento para dar o bote.

A zona pressão à bola é entendida como aquela em que a equipe compartilha de uma marcação fundamentada nos princípios da marcação em zona passiva, havendo um jogador que será responsável por realizar pressão ao adversário com a posse de bola. Esta ação isolada de pressão acontecerá sempre no campo de ataque. Segundo Leitão (2010), a zona pressão tem o objetivo de espremer ou atacar o jogador que está com a bola,

tentando recuperar a posse de bola o mais rápido possível. Dessa forma, exercerá uma pressão ao adversário com a bola, diminuindo as possibilidades de ação dele, coagindo-o a entregar a posse da bola. Desta forma, para melhor diferenciar do termo a ser explicado a seguir, o zona pressing, foi complementado o título zona pressão, utilizando neste estudo zona pressão a bola (ZPA).

A doutrina da marcação à zona une-se a um novo método que, até hoje, caracteriza perfeitamente a ideologia tática dominante: a chamada zona pressionante ou zona pressing, que teve em Arrigo Sacchi, quando era treinador do Milan, o seu principal mentor (Lobo, 2002 apud Amieiro, 2007). A zona pressing, segundo Garganta (1997, apud Ramos, 2005), implica uma oposição ativa, ou seja, procura ativa e rápida da posse de bola, em todo o terreno de jogo, criando superioridade numérica na zona junto ao portador da bola. Para Leitão (2010), a ideia de pressing está ligada a uma pressão coletiva, e não apenas ao adversário de posse da bola. A pressão é realizada em relação à equipe adversária, de maneira a não só exercer pressão sobre o espaço, mas sobre o tempo também, apressando, tentando fazer com que mais rápido a equipe adversária pressionada tome suas decisões. Para o mesmo autor, o conceito de pressão está contido no conceito de pressing, ou seja, para realizar o pressing é possível se utilizar da pressão. Dessa forma, marcação por zona pressing é uma forma de marcação mais complexa e completa do que a por zona pressão (à bola). Leitão, no mesmo estudo, conclui que a pressão é individual sobre o adversário com posse de bola, diminuindo o espaço para ação, enquanto o pressing é coletivo, sobre a equipe adversária num todo, diminuindo o espaço e o tempo para a ação do adversário.

De acordo com Quina (1999), a defesa zona pressing é caracterizada pelos seguintes aspectos:

- Marcação rigorosa e agressiva ao portador da bola onde quer que se encontre;
- Cada jogador evolui na sua zona de marcação, mas deverá deslocar-se para outras zonas concentrando-se nos espaços de jogo próximos da bola, executando aí ações de cobertura e marcando agressivamente espaços e jogadores adversários que possam dar continuidade ao processo ofensivo adversário;
- Grande concentração de jogadores em torno da bola e, consequentemente, fraca vigilância sobre os espaços e os atacantes posicionados longe da bola;

- Toda a organização defensiva se desloca de forma homogênea e concentrada em função do deslocamento da bola.

O mesmo autor aprofunda-se:

- Imediatamente após a perda da bola, um defensor (o que estiver mais perto) “ataca” o portador da bola (entra em contenção), com a intenção de recuperar a posse da bola ou impedir a progressão do processo ofensivo adversário;

- Os defensores das zonas próximas deslocam-se rapidamente para trás do defensor em contenção para lhe darem cobertura;

- Os jogadores das zonas mais distantes deslocam-se em direção ao centro do jogo;

- A maior parte dos jogadores da equipe participa neste processo, deslocando-se de forma homogênea e compacta em função dos deslocamentos da bola.

Desta forma, haverá sempre uma grande concentração de defesas entre a linha da bola e a baliza que se defende o que obrigará, muito provavelmente, os sucessivos portadores da bola a terem que jogar para trás ou para o lado, ou a perderem a posse da bola.

Na marcação individual, segundo Parreira (2005), ao invés da bola, marca-se o homem, seguindo-o por todas as partes. Leitão (2009) complementa que este tipo de marcação tem como premissa a busca constante pelo “jogador a ser marcado”, sendo que um jogador marcará um adversário pré-determinado por todos os seus deslocamentos ofensivos. O referencial poderá ser não só o jogador, mas também a posição do jogador. Portanto, a marcação individual pode ser do tipo “homem a homem”, mas, também do tipo “lateral pega lateral”, “volante pega meia”, etc. (Leitão, 2009).

Quina (1999) considera dois princípios fundamentais na aplicação da defesa individual:

[...] 1º - A “lei” do um contra um (1X1). Cada defesa marca um atacante procurando impedi-lo de receber a bola sejam quais forem às circunstâncias e evidenciando uma maior agressividade à medida que o adversário direto se aproxima da baliza;

2º - O princípio da responsabilidade individual ao mais alto nível. Neste método de defesa não pode haver falhas individuais. A falha de um só defensor pode ocasionar uma situação muito difícil de resolver.

O mesmo autor afirma que este sistema apresenta a possibilidade da anulação de jogadores de grande capacidade técnica, bem como tem uma compreensão facilitada por parte dos atletas, mantendo um certo equilíbrio numérico em qualquer situação do jogo. Conclui que este tipo de defesa provoca um grande desgaste físico nos atletas, torna menos coesa coletivamente a equipe e dificulta a transição defesa-ataque devido ao posicionamento dos atletas em relação ao adversário a ser marcado e não ao sistema numérico.

Na forma de marcação individual por setor, a equipe respeita tantos os princípios da marcação em zona em algumas situações, mas a partir do momento em que um adversário adentra a zona de responsabilidade de um defensor, este passa a realizar uma marcação individual. Portanto, este tipo de marcação diferencia-se da marcação individual simples, pois ela não será realizada o tempo todo por um atleta a determinado adversário, e sim a qualquer um adversário que invada seu setor de responsabilidade. Recorro a Leitão (2009), para explicar que

[...] Assim, esse tipo de marcação pode ser chamada de híbrida, apresentando características de marcação individual e em zona ao mesmo tempo, tendo como premissa a utilização da marcação individual e da marcação em zona de acordo com estratégias bem definidas para a recuperação da posse da bola.

Segundo Bangsbo & Peitersen (2002, apud Bessa, 2010), existem dois entendimentos distintos de marcar ao homem: a defesa fixa e estrita ao homem e a defesa orientada à zona. Ou seja, na primeira cada um dos defensores marca durante todo o jogo o mesmo adversário. Na defesa orientada à zona (neste estudo denominada individual por setor “IPS”), o defensor marca o adversário mais próximo no momento da perda da bola.

Para Amieiro (2005), muitos treinadores afirmam que defendem à zona, tendo em conta a forma de defender supracitada. No entanto, diz o autor, estes treinadores defendem individualmente, pois a referência continua a ser o adversário, traduzindo-se num jogo de pares, vigorando a lei do um contra um. Sendo o adversário direto, a grande referência de posicionamento e única referência de marcação, esta concepção traduz-se numa defesa homem-a-homem.

No presente estudo, por investigar um esporte repleto de vertentes, objetiva-se apresentar resultados que sirvam de parâmetros para o desenvolvimento do modelo de jogo de cada treinador. Modelo de jogo é um conjunto de ideias e princípios que determinam a forma de jogar específica de uma equipe.

Moriello (2003, apud Azevedo, 2011) dá o seu contributo afirmando que

[...] a interação entre os elementos de um sistema complexo origina um comportamento emergente que não se pode explicar através de um entendimento isolado desses elementos, daí que Capra (1996) pense que o todo apresenta propriedades decorrentes das interações e das relações entre as duas partes e da relação do todo com o contexto. O autor aponta ainda que essas propriedades são destruídas quando o sistema é dissecado, física ou teoricamente, em elementos isolados. Isto é, embora seja possível encontrar partes individuais em qualquer sistema, essas partes não são isoladas, já que a natureza do todo é sempre diferente de mera soma das suas partes.

E ainda, o mesmo autor complementa que

[...] A modelação sistêmica parece revelar-se extremamente proveitosa para defrontar fenômenos complexos como o jogo de Futebol, porque estamos na presença de um processo: (1) interativo, visto que os jogadores que o constituem atuam numa relação de reciprocidade; (2) global ou total, pois o valor da equipe pode ser maior ou menor do que a soma dos valores individuais dos jogadores que a constituem; (3) complexo, já que existe uma abundância de relações entre os elementos de jogo; (4) organizado, porque a sua estrutura e funcionalidade se configuram tendo em contas as relações de cooperação e de oposição, estabelecidas no respeito por princípios e regras em função de finalidades e objetivos.

Sendo assim, para Mourinho (in Amieiro et al. 2006), a tática é um conjunto de comportamentos que se pretende para a equipe, que deseja que esta se manifeste com regularidade em competição, isto é, o conjunto de princípios que se assumem como uma cultura comportamental específica.

Também Mourinho (2004, apud Nascimento, 2008), refere que não conseguir dissociar os diferentes momentos, defesa/ataque. Segundo ele, quando se possui a bola, também tem que se pensar defensivamente o jogo, da mesma forma que, quando se está sem ela e se está numa situação defensiva, também tem que se estar a pensar de uma forma ofensiva e a preparar o momento em que se recupera a bola. Tal como refere Lobo (2005, apud Nascimento, 2008), as equipes de topo, não distinguem fase defensiva de fase ofensiva. Elas fundem-se numa só através da coordenação de movimentos, com e sem bola, gerindo

tempo e espaço. Exemplificando o mesmo autor refere que o Barcelona de Rijkard faz em 7-8 passes o que a equipe do Chelsea de Mourinho faz em 3-4, aproveitar a desorganização defensiva adversária aquando da sua transição ofensiva.

3. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do estudo, os procedimentos adotados na seleção das equipes a serem analisadas basearam-se nos resultados das competições que participaram, priorizando os melhores classificados. Segundo Garganta (1997, apud Bessa, 2010), as competições de alto nível são momentos privilegiados para proceder à observação e análise do comportamento dos jogadores e das equipes. Deste modo, a análise a determinados padrões de comportamento nas equipes de topo permitem descobrir por novas tendências assim como atualizar processo de treino que poderão não estar tão explorados.

Foram estudados todos os jogos das seleções nacionais campeãs das Copas do Mundo de 2006 e 2010, respectivamente, Itália e Espanha. Em razão desses títulos, concluímos adequado analisar cinco partidas dos campeões das Ligas Nacionais desses dois países, da temporada 2009/2010, aleatórios, de acordo com a disponibilidade dos jogos transmitidos pelas emissoras de televisão. Ainda nesse contexto, foram analisados os cinco últimos jogos da equipe campeã da Liga dos Campeões da Europa, na temporada 2009/2010, por ser o continente do qual saíram os países campeões das duas últimas Copas do Mundo de futebol.

Além disso, pela necessidade de analisarmos jogos de nosso país, buscando uma comparação com o futebol europeu, e tendo em vista, também, que o Brasil é o país com maior número de títulos de Copa do Mundo, com cinco no total, decidiu-se analisar jogos do Brasil na Copa América de 2007 e da Copa das Confederações de 2009, competições em que nossa Seleção Nacional sagrou-se campeã.

Portanto, serão analisados jogos das equipes profissionais elencadas na tabela abaixo:

Quadro 1 – Partidas Analisadas

Campeonato	Equipe	Adversário	Resultado
	Itália	Estados Unidos	1 x 1
	Itália	Rep. Checa	2 X 0
	Itália	Gana	2 X 0

Copa do Mundo 2006	Itália	Austrália	1 X 0
	Itália	Ucrânia	3 X 0
	Itália	Alemanha	0 X 0
	Itália	França	1 X 1
Copa América 2007	Brasil	Equador	1 X 0
	Brasil	Chile	3 X 0
	Brasil	Chile	6 X 1
	Brasil	Uruguai	2 X 2
	Brasil	Argentina	3 X 0
Copa das Confederações 2009	Brasil	Egito	4 X 3
	Brasil	Estados Unidos	3 X 0
	Brasil	Itália	3 X 0
	Brasil	África do Sul	1 X 0
	Brasil	Estados Unidos	3 X 2
Campeonato Italiano 2009/2010	Inter de Milão	Siena	2 X 0
	Inter de Milão	Milan	2 X 0
	Inter de Milão	Sampdoria	0 X 0
	Inter de Milão	Chievo	1 X 0
	Inter de Milão	Siena	4 X 3
Campeonato Espanhol 2009/2010	Barcelona	Villareal	1 x 1
	Barcelona	Valladolid	4 x 0
	Barcelona	Real Madrid	2 X 0
	Barcelona	Getafe	2 X 0
	Barcelona	Sevilha	4 X 0
	Inter de Milão	Chelsea	1 X 0

Liga dos Campeões 2009/2010	Inter de Milão	Chelsea	2 X 1
	Inter de Milão	Barcelona	3 X 1
	Inter de Milão	Barcelona	1 X 0
	Inter de Milão	Bayern de Munique	2 X 0
Copa do Mundo 2010	Espanha	Chile	2 X 1
	Espanha	Honduras	2 X 0
	Espanha	Suiça	0 X 1
	Espanha	Portugal	1 X 0
	Espanha	Paraguai	1 X 0
	Espanha	Alemanha	1 X 0
	Espanha	Holanda	0 X 0

Utilizarei gravações de acervo pessoal de jogos de futebol profissional masculino, onde serão quantificadas todas as ações ofensivas positivas, ou seja, as que terminarem com finalização.

Será realizado um relatório do modelo de jogo da equipe, sendo utilizado, também, o formulário de análise de jogos, anexo I na aferição dos dados utilizados neste estudo. No formulário, serão preenchidos todos os campos apenas quando houver finalizações provenientes de contra-ataques.

O preenchimento do formulário de análise de jogos seguirá os preceitos abaixo discriminados, orientados pelos conceitos explícitos na revisão da literatura, que nortearão teoricamente toda a coleta do presente estudo.

O campo “formas de marcação” será preenchido de acordo com o tipo de marcação utilizada no momento da recuperação de bola anterior a construção do contra-ataque. Serão utilizadas as abreviações “ZPA” para Zona Passiva, “ZPR” para Zona Pressing, “ZPB” para Zona Pressão a Bola, “I” para Individual e “IPS” para Individual Por Setor.

O campo “sistema de jogo utilizado” refere-se à expressão numérica que traduza o modelo de sistema de jogo utilizado em cada momento do jogo que originou uma

situação de finalização. Portanto, de acordo com as mudanças de um treinador durante a partida, o sistema de jogo utilizado poderá mudar durante um mesmo jogo. Conforme as informações constantes na revisão de literatura são exemplos de sistemas de jogo utilizados o 4-4-2, 3-5-2, 4-3-3, 4-2-3-1, e cada número referem-se ao total de componentes de cada linha no momento em que não há a posse de bola, ou seja, no momento defensivo. O primeiro número refere-se à linha mais próxima a gol defensivo e o último número determina o número de componentes da linha mais próxima da baliza adversária.

No campo zona de recuperação de bola, será utilizado como parâmetro o campograma adaptado de Garganta. Quina (1999), explica a divisão do campo elaborada por Garganta. Segundo o autor, o campo de futebol é marcado e dividido por linhas visíveis e imaginárias. São as linhas imaginárias que dividem o campo em:

- três corredores de jogo: esquerdo, central e direito, estabelecidos pelas linhas laterais e duas linhas longitudinais que estabelecidos pelas linhas laterais e duas linhas longitudinais que unem as pequenas áreas das balizas;

- três setores de jogo, estabelecidos por duas linhas transversais que subdividem em partes iguais os dois meios campos de jogo: os setores defensivo, do meio campo e ofensivo. Para melhor entendimento e aplicação ao estudo, o setor de meio campo foi dividido em duas partes, pela linha que divide o campo constituindo um meio campo defensivo e um meio campo ofensivo.

Na figura abaixo, podemos visualizar essa divisão, extraída da dissertação *Modelação Tática do Jogo de Futebol*, de Julio Manuel Garganta da Silva, em junho de 1997, pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto - Portugal.

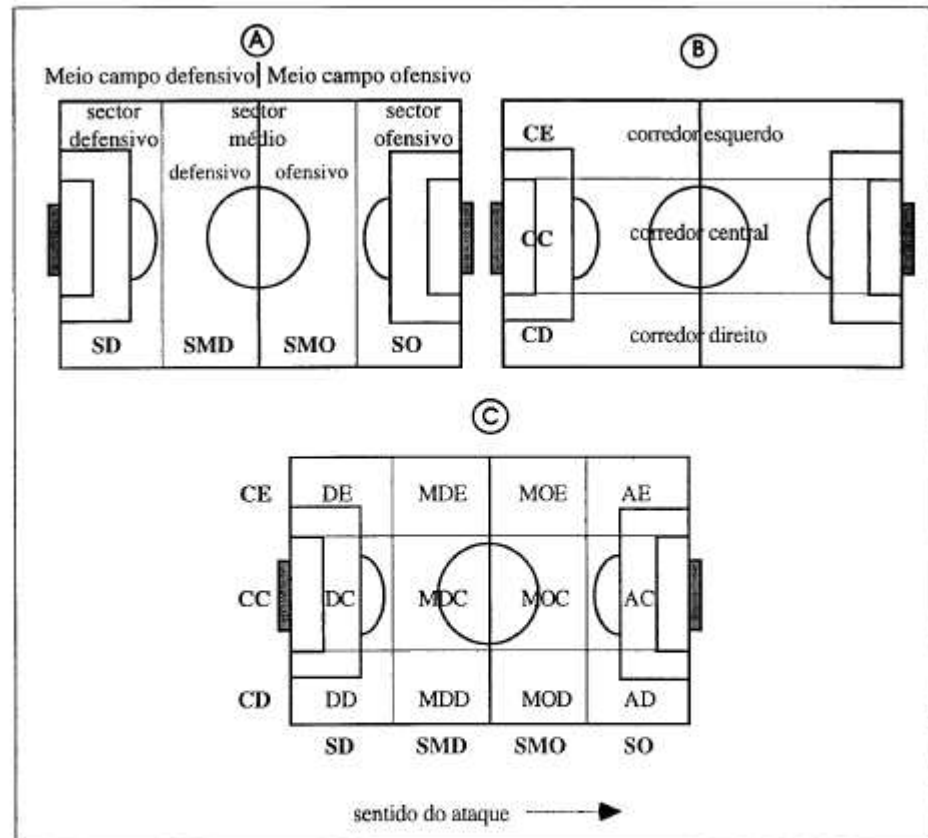


Figura 29 - Campograma correspondente à divisão topográfica do terreno de jogo em 12 zonas (C), a partir da justaposição de 4 sectores transversais (A): SD (sector defensivo), SMD (sector médio defensivo), SMO (sector médio ofensivo), SO (sector ofensivo) e 3 corredores longitudinais (B): CD (corredor direito), CC (corredor central), CE (corredor esquerdo).

Essa divisão originou doze setores, que tiveram suas nomenclaturas substituídas por números, de 1 a 12, iniciando do setor defensivo esquerdo pelo número “1”, sendo “2” o setor defensivo central e “3” o setor defensivo direito, seguindo sucessivamente até o número 12, correspondente ao setor ofensivo direito.

O campo “forma de ataque” se baseará nas abreviações “AP” para ataque posicional, “AR” para ataque rápido, “CA” para contra-ataque e “BP” para as finalizações provenientes de ações iniciadas com “bola parada”. Este último parâmetro será consignado para as finalizações oriundas de cobranças de pênalti, de cobranças de faltas diretas para a baliza, de finalizações após cruzamentos em escanteios ou faltas, e para as finalizações após passes em “cobrança de falta ensaiada”, com número de passes não superior a 3.

O campo “zona de finalização” será preenchido tendo com base a região da finalização correspondente ao setor no Campograma de Finalização desenvolvido pelo autor

deste estudo. Para a realização desse estudo, o campo ofensivo foi dividido em 12 partes, da seguinte forma: uma linha imaginária paralela à linha de fundo, sobre a linha da grande área, alcançando as laterais do campo e uma linha imaginária paralela à última, dividindo ao meio campo formado entre a divisão do meio-campo e a linha da grande área. Além dessas, duas linhas dividirão horizontalmente o meio-campo de ataque seguindo a orientação das linhas laterais da grande área, alcançando a linha divisória do meio campo, dividindo em dois corredores laterais e um, central. Esse setor central será dividido ao meio, por outra linha paralela a estas. Assim, foram criados treze setores no total, doze no campo de ataque e mais um no campo de defesa. Todos os setores receberam uma sigla, para melhor identificação dos setores, iniciados pela letra F, e por números. Os setores mais próximos à baliza de ataque receberam números de 1 a 4, da esquerda para direita, formando os setores “F1”, “F2”, “F3” e “F4”. Os setores seguintes seguiram a mesma orientação, formando setores “F11” a “F14”, e os seguintes “F21 a F24”. Por fim, todo o campo defensivo formou um setor denominado com a sigla “F50”, conforme figura anexa.

O campo “densidade defensiva do adversário” refere-se ao número de jogadores defensivos adversários em relação ao número de jogadores que participam da jogada de ataque. Esse item é aferido na definição do ataque, no momento do passe que originou a finalização ou no caso de lançamento longo (que seja feito entre setores diferentes do campo, tendo como base o Campograma adaptado de Garganta), no momento da recepção da bola pelo realizador da finalização.

O campo seguinte “tempo de duração do ataque”, refere-se ao total de tempo gasto a partir da recuperação de bola, até que a finalização atinja o alvo. Depois, o próximo campo, “jogadores que participaram ativamente”, refere-se ao número de jogadores que participaram do ataque ativamente, ou seja, tendo a posse de bola ou a desviando durante a construção do ataque até a finalização. Esses campos serão utilizados apenas para o auxílio na diferenciação entre as formas de ataque.

Por fim, o último campo “resultado” refere-se ao êxito conseguido na finalização, podendo ser defesa “D”, “F” quando a finalização for para fora do gol, “T” para trave e “G” quando for alcançado gol no arremate.

Todas as partidas foram assistidas na íntegra e em velocidade dupla (2 X) até que ocorra uma finalização. A partir daí, o vídeo foi retornado até o momento da aquisição de bola anterior a finalização, e revisto quantas vezes forem necessárias para que seja

preenchido corretamente o formulário de análise de jogos. Todos os campos foram preenchidos apenas quando a finalização for proveniente de contra-ataques. Quando as finalizações foram realizadas através de outras formas de ataque, como ataque posicional e ataque rápido, foram preenchidos apenas os campos “formas de ataque”, “região de finalização”, “densidade defensiva do adversário” e “resultado”. Nas finalizações originadas de bolas paradas, foram anotados apenas os campos “formas de ataque”, “região de finalização” e “resultado”.

Para as variáveis quantitativas, foi utilizada a estatística descritiva, através da frequência de ocorrência e porcentagem para caracterizar as suas distribuições relativas.

Os materiais utilizados foram:

- Gravador de DVD Panasonic modelo DMR-ES10;
- Televisor LCD Semp Toshiba 26’’;
- Notebook Vaio AMD Athlon II P320 Dual-Core Processor 2.10 GHz;
- Formulários “Análise de Jogos”, “Campograma Adaptado de Garganta” e “Campograma de Finalizações Giulio (anexo I)”, desenvolvido pelo autor.

4. RESULTADOS

Obtivemos resultados que apontaram uma predominância de finalizações em ataques posicionais, e um baixo número de finalizações provenientes de contra-ataque, relativamente ao total de finalizações, em todas as competições analisadas.

Tabela 1 - Finalizações - Itália -
Copa do Mundo 2006

Origem	Quantid.	%
Bola Parada	23	34,8
Contra-Ataque	7	10,6
Ataque Rápido	4	6,1
Ataque Posicional	32	48,5
Total	66	100,0

Nos jogos da Itália, durante a Copa do Mundo de 2006, tivemos um maior número de finalizações provenientes de ataques posicionais, com 48,5%, sendo os ataques com bola parada, responsáveis por 34,8%. Os contra-ataques produziram apenas 7 finalizações, numa média de 1 por jogo, de um total de 66 finalizações da Itália na Copa do Mundo 2006, ou seja, 10,6%.

Tabela 2 - Finalizações - Brasil -
Copa América 2007

Origem	Quantid.	%
Bola Parada	13	26,5
Contra-Ataque	14	28,6
Ataque Rápido	7	14,3
Ataque Posicional	15	30,6
Total	49	100,0

Na Copa América de 2007, o Brasil teve uma maior distribuição em suas finalizações. De um total de 49 finalizações nos 5 jogos analisados, tivemos 13 finalizações

provenientes de ataques com bola parada, 14 finalizações em ações construídas em contra-ataque, 15 em ataques posicionais e 7 em ataques rápidos.

Tabela 3 - Finalizações - Brasil -
Copa das Confederações 2009

Origem	Quantid.	%
Bola Parada	24	29,6
Contra-Ataque	14	17,3
Ataque Rápido	13	16,0
Ataque Posicional	30	37,0
Total	81	100,0

Já durante a Copa das Confederações em 2009, o Brasil produziu em 5 partidas, um total de 81 finalizações, sendo apenas 14 em contra-ataque. Os ataques posicionais construíram 30 finalizações, as bolas paradas foram responsáveis por 24, e os ataques rápidos apenas 13 finalizações.

Tabela 4 - Finalizações - Barcelona -
Campeonato Espanhol 2009/2010

Origem	Quantid.	%
Bola Parada	9	15,8
Contra-Ataque	12	21,1
Ataque Rápido	10	17,5
Ataque Posicional	26	45,6
Total	57	100,0

Nos jogos analisados do Barcelona, durante a temporada 2009/2010, foram 57 finalizações, sendo que 45,6% delas aconteceram em ações de ataque posicional, enquanto 21,1% foram em contra-ataques, 17,5% em ataques-rápidos e 15,8% em jogadas de bola parada.

Tabela 5 - Finalizações - Inter de
Milão -Campeonato Italiano
2009/2010

Origem	Quantid.	%
Bola Parada	16	28,1

Contra-Ataque	10	17,5
Ataque Rápido	3	5,3
Ataque Posicional	28	49,1
Total	57	100,0

A Inter de Milão, durante o Campeonato Italiano 2009/2010, obteve 49,15% de suas finalizações provenientes de ataques posicionais, 28,1% de jogadas de bola parada, 17,5% em ações de contra-ataque.

Tabela 6 - Finalizações - Inter de
Milão - Liga dos Campeões
2009/2010

Origem	Quantid.	%
Bola Parada	10	34,5
Contra-Ataque	6	20,7
Ataque Rápido	2	6,9
Ataque Posicional	11	37,9
Total	29	100,0

Durante a Liga dos Campeões da mesma temporada, a Inter fez, em seus últimos cinco jogos, apenas 29 finalizações. Dessas, 11 foram conseguidas em ataques posicionais, 10 finalizações em jogadas de bola parada, 6 em contra-ataques e apenas duas em ações de ataque rápido.

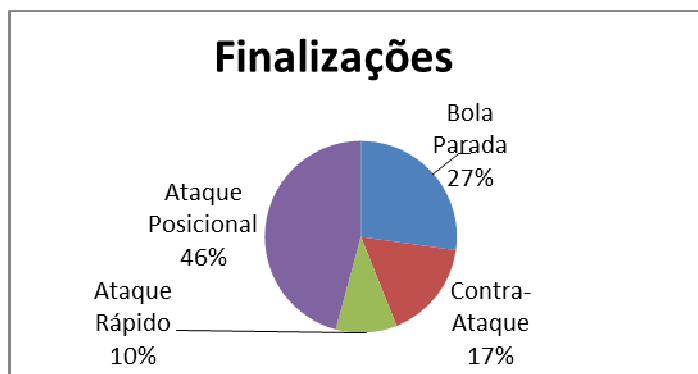
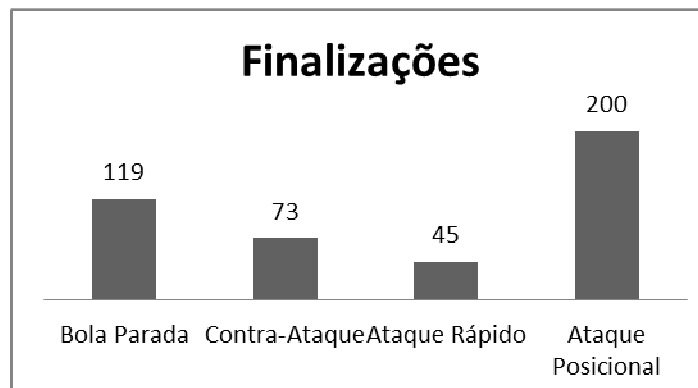
Tabela 7 - Finalizações - Espanha -
Copa do Mundo 2010

Origem	Quantid.	%
Bola Parada	24	24,5
Contra-Ataque	10	10,2
Ataque Rápido	6	6,1
Ataque Posicional	58	59,2
Total	98	100,0

A Espanha, em 2010, nos seus jogos da Copa do Mundo, alcançou 98 finalizações durante as 7 partidas, sendo que 58 (59,2 %) foram produzidas em ataques posicionais, evidenciando a sua forma de jogo através da alta concentração da posse de bola. Foram 24 finalizações em jogadas de bola parada, e 10 (10,2 %) construídas através de contra-ataque.

Tabela 8 - Finalizações – Total

Origem	Quantid.	%
Bola Parada	119	27,2
Contra-Ataque	73	16,7
Ataque Rápido	45	10,3
Ataque Posicional	200	45,8
Total	437	100,0



No total, foram 437 finalizações, com 45,8 % sendo produzidas em ações de ataque posicional, 27,2% em jogadas de bola parada, 16,7% em jogadas de contra-ataque e 10,3% em jogadas de ataque rápido.

Quanto aos gols conseguidos, lembrando os parâmetros deste estudo, que levou em consideração apenas o tempo normal de jogo, ou seja, o primeiro e segundo tempo dos jogos, sendo descartadas as prorrogações nas partidas eliminatórias, obtivemos os dados a seguir.

Tabela 9 - Gols - Itália - Copa do
Mundo 2006

Origem	Quantid.	%
Bola Parada	5	50,0
Contra-Ataque	2	20,0
Ataque Rápido	0	0,0
Ataque Posicional	3	30,0
Total	10	100,0

A Itália marcou 10 gols, sendo que 50 % (5) deles foram obtidos em jogadas de bola parada. Foram, também, 3 gols em ataques posicionais e 2 gols alcançados em ações de contra-ataque.

Tabela 10 - Gols - Brasil - Copa
América 2007

Origem	Quantid.	%
Bola Parada	4	26,7
Contra-Ataque	6	40,0
Ataque Rápido	1	6,7
Ataque Posicional	4	26,7
Total	15	100,0

Na Copa América 2007, os contra-ataques foram muito importantes para o título da Seleção Brasileira. Nos 5 jogos analisados, foram 15 gols, sendo 6 (40%) em jogadas construídas através de contra-ataque. Ainda foram obtidos 4 gols em jogas de bola parada, mais 4 gols em ataques posicionais, e ainda 1 gol conseguido através de ataque rápido.

Tabela 11 - Gols - Brasil - Copa das
Confederações 2009

Origem	Quantid.	%
Bola Parada	6	42,9
Contra-Ataque	4	28,6
Ataque Rápido	1	7,1
Ataque Posicional	3	21,4
Total	14	100,0

Na Copa das Confederações, o Brasil chegou a 14 gols em 5 jogos, sendo que 6 desses gols foram obtidos com jogadas de bola parada, 4 em contra-ataques, 3 em ataques posicionais e 1 gol em ataque rápido.

Tabela 12 - Gols – Barcelona –
Campeonato Espanhol 2009/2010

Origem	Quantid.	%
Bola Parada	1	7,7
Contra-Ataque	3	23,1
Ataque Rápido	2	15,4
Ataque Posicional	7	53,8
Total	13	100,0

O Barcelona, nas partidas analisadas, fez 13 gols, sendo que 7 foram em ataques posicionais, 3 em contra-ataques, 2 gols em ataques rápidos e apenas 1 gol em bolas paradas.

Tabela 13 - Gols - Inter de Milão -
Campeonato Italiano 2009/2010

Origem	Quantid.	%
Bola Parada	3	33,3
Contra-Ataque	3	33,3
Ataque Rápido	0	0,0
Ataque Posicional	3	33,3
Total	9	100,0

Nos 5 jogos analisados da Inter de Milão, no Campeonato Italiano 2009/2010, foram 9 gols alcançados, havendo uma divisão igualitária entre os gols em

jogadas de bola parada, contra-ataque e ataque posicional, com 3 gols para cada forma de ataque.

Tabela 14 - Gols - Inter de Milão -
Liga dos Campeões 2009/2010

Origem	Quantid.	%
Bola Parada	0	0,0
Contra-Ataque	4	50,0
Ataque Rápido	1	12,5
Ataque Posicional	3	37,5
Total	8	100,0

Já na Liga dos Campeões, nos jogos analisados, a Inter de Milão conseguiu 8 gols, sendo que metade deles, 4, foram em contra-ataques. Além deles, foram 3 gols em ataques posicionais e 1 gol em ataque rápido.

Tabela 15 - Gols - Espanha - Copa
do Mundo 2010

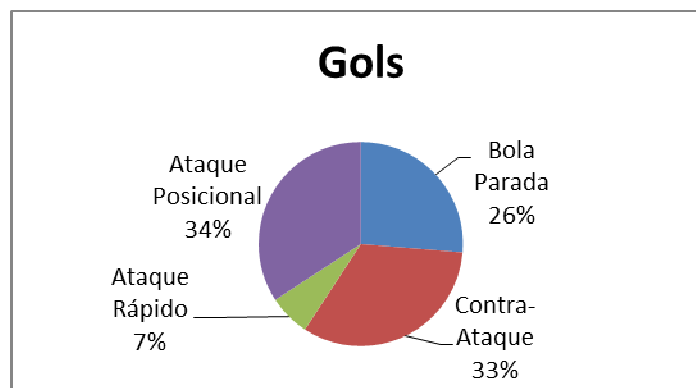
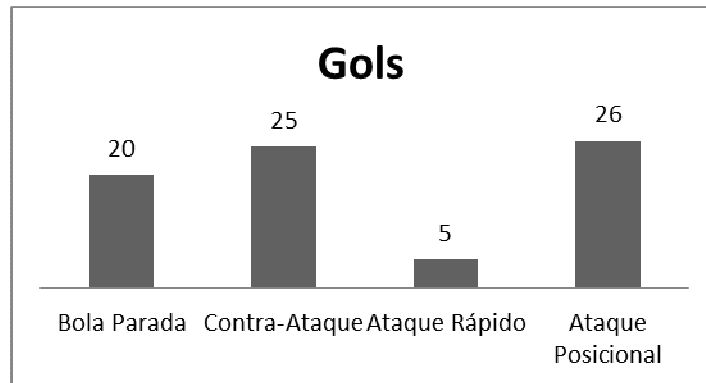
Origem	Quantid.	%
Bola Parada	1	14,3
Contra-Ataque	3	42,9
Ataque Rápido	0	0,0
Ataque Posicional	3	42,9
Total	7	100,0

Durante a Copa do Mundo 2010, a Espanha fez, durante o tempo normal das partidas, apenas 7 gols, uma média de apenas 1 gol por partida, números surpreendente para uma equipe que foi apontada como tendo uma alta qualidade ofensiva, o que explícita o equilíbrio nas principais competições do mundo. Desses 7 gols, apenas 1 aconteceu em jogadas de bola parada, enquanto foram 3 gols em contra-ataques e 3 gols em ataques posicionais.

Tabela 16 - Gols – Total

Origem	Quantid.	%
Bola Parada	20	26,3

Contra-Ataque	25	32,9
Ataque Rápido	5	6,6
Ataque Posicional	26	34,2
Total	76	100,0



Nas partidas analisadas, no geral, ocorreu um equilíbrio entre os gols conquistados. Foram 76 gols no total, sendo 26 alcançados em ataques posicionais, 20 gols em bolas paradas, 25 gols em contra-ataques e 5 gols em ataques rápidos.

Passemos então a uma comparação entre o número de finalizações e número de gols alcançados através de cada forma de ataque, para a verificação da efetividade de cada uma das formas de ataque.

Nos dados apresentados abaixo, podemos verificar que o contra-ataque atingiu uma maior porcentagem de efetividade em todas as competições analisadas.

Tabela 17 - Finalizações/Gols – Itália – Copa do Mundo 2006

Origem	Finalizações	Gols	%
--------	--------------	------	---

Bola Parada	23	5	21,7
Contra-Ataque	7	2	28,6
Ataque Rápido	4	0	0,0
Ataque Posicional	32	3	9,4
Total	66	10	15,2

A Itália, apesar de ter feito apenas 2 gols em contra-ataques, quando levamos em conta o número de finalizações realizadas nessas jogadas, verificamos que a efetividade foi bastante alta, de 28,6%, superior aos 21,7% das bolas paradas e os 9,4% alcançados pelos ataques posicionais.

Tabela 18 - Finalizações/Gols – Brasil – Copa América 2007

Origem	Finalizações	Gols	%
Bola Parada	13	4	30,8
Contra-Ataque	14	6	42,9
Ataque Rápido	7	1	14,3
Ataque Posicional	15	4	26,7
Total	81	14	17,3

O Brasil teve também uma alta efetividade em suas jogadas de contra-ataque. Foram 14 finalizações e 6 gols, o que representa 42,9% de efetividade nas finalizações provenientes de ações de contra-ataque, bem superior aos 30,8% das bolas paradas, dos 26,7% dos ataques posicionais e dos 14,3% dos ataques rápidos. Já durante a Copa das Confederações, conforme os resultados abaixo houve um maior equilíbrio na eficácia das jogadas de bola parada e de contra-ataque. Mesmo assim, os números para os contra-ataques são um pouco superiores, 28,6%, contra 25% das bolas paradas. As finalizações em ataques posicionais alcançaram o gol em 10% das vezes, enquanto os ataques rápidos em 7,7%.

Tabela 19 - Finalizações/Gols – Brasil – Copa das Confederações 2009

Origem	Finalizações	Gols	%
Bola Parada	24	6	25,0
Contra-Ataque	14	4	28,6

Ataque Rápido	13	1	7,7
Ataque Posicional	30	3	10,0
Total	81	14	17,3

Tabela – 20 - Finalizações/Gols – Inter de
Milão – Campeonato Italiano 2009/2010

Origem	Finalizações	Gols	%
Bola Parada	16	3	18,8
Contra-Ataque	10	3	30,0
Ataque Rápido	3	0	0,0
Ataque Posicional	28	3	10,7
Total	57	9	15,8

Campeã italiana, a Inter de Milão conseguiu uma eficácia de 30% das finalizações oriundas de contra-ataques, números bem superiores aos alcançados nas bolas paradas, 18,8% e 10,7% dos ataques posicionais.

Tabela 21 - Finalizações/Gols – Inter de Milão
– Liga dos Campeões 2009/2010

Origem	Finalizações	Gols	%
Bola Parada	10	0	0,0
Contra-Ataque	6	4	66,7
Ataque Rápido	2	1	50,0
Ataque Posicional	11	3	27,3
Total	29	8	27,6

Durante a Liga dos Campeões 2009/2010, nos jogos analisados, a Inter de Milão alcançou porcentagem altíssima de aproveitamento das finalizações nos contra-ataques, 66,7%, contra 50% dos ataques rápidos e 27,3% dos ataques posicionais.

Tabela 22 - Finalizações/Gols – Barcelona –
Campeonato Espanhol 2009/2010

Origem	Finalizações	Gols	%
Bola Parada	9	1	11,1
Contra-Ataque	12	3	25,0

Ataque Rápido	10	2	20,0
Ataque Posicional	26	7	26,9
Total	57	13	22,8

O Barcelona, entre as equipes analisadas, foi a única que teve melhor aproveitamento nas finalizações a partir de ataques posicionais, com 26,9%, acima dos contra-ataques, com 25%. Os ataques rápidos, também, tiveram números superiores ao das outras equipes, com 20%, enquanto as jogadas de bola parada culminaram em apenas 1 gol, 11,1%.

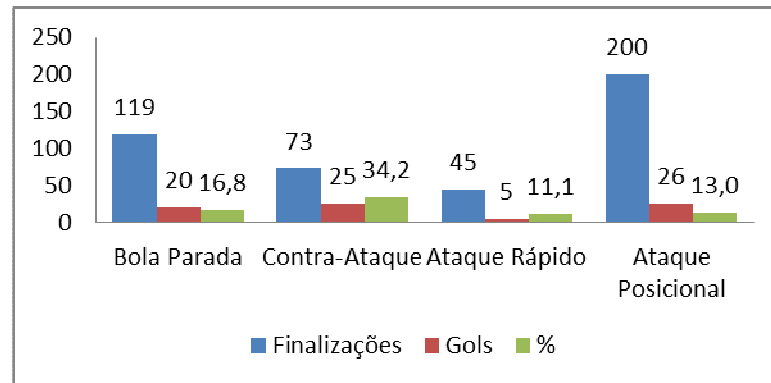
Tabela 23 - Finalizações/Gols – Espanha –
Copa do Mundo 2010

Origem	Finalizações	Gols	%
Bola Parada	24	1	4,2
Contra-Ataque	10	3	30,0
Ataque Rápido	6	0	0,0
Ataque Posicional	58	3	5,2
Total	98	7	7,1

Já a Espanha, durante a Copa do Mundo de 2010, teve uma maior concentração de finalizações através de ataques posicionais. Foram 58 no total o que demonstra o modelo de jogo adotado por seu treinador. Apesar disso, através dos ataques posicionais ocorreram apenas 3 gols, uma eficácia de apenas 5,2%, muito abaixo dos 30% alcançados nos contra-ataques. As bolas paradas tiveram um aproveitamento de 4,2% de gols em relação às finalizações.

Tabela 24 - Finalizações/Gols

Origem	Finalizações	Gols	%
Bola Parada	119	20	16,8
Contra-Ataque	73	25	34,2
Ataque Rápido	45	5	11,1
Ataque Posicional	200	26	13,0
Total	437	76	17,4



Podemos concluir, através dos resultados por competição e gerais que as finalizações produzidas em contra-ataque foram mais eficientes, do que as demais formas de ataque, podendo ser um primeiro parâmetro na construção das formas de jogar. Apenas nos dados do Barcelona foram encontrados resultados equilibrados entre ataque posicional e contra-ataque. O contra-ataque apresenta-se assim como melhor alternativa para o alcance dos gols, independente da competição analisada.

A próxima característica analisada foi a da densidade ataque/defesa, para que possamos constatar qual forma de ataque possibilita uma situação em ataque de superioridade ou igualdade numérica, que seria benéfica para equipe atacante, possuindo maior espaço para a produção de finalizações. Já a inferioridade numérica do ataque em relação à defesa é benéfica ao setor defensivo, que poderá atuar com coberturas, evitando as situações de um contra um.

Tabela 25 - Densidade Ataque/Defesa - Itália - Copa do Mundo 2006

Origem	Super/Iguald	%	Inferioridade	Total
Contra-Ataque	7	100,0	0	7
Ataque Rápido	1	25,0	3	4
Ataque Posicional	2	6,5	29	31
Total	10	23,8	32	42

Tabela 26 - Densidade Ataque/Defesa - Brasil - Copa América 2007

Origem	Super/Iguald	%	Inferioridade	Total
--------	--------------	---	---------------	-------

Contra-Ataque	9	64,3	5	14
Ataque Rápido	2	28,6	5	7
Ataque Posicional	1	6,7	14	15
Total	12	33,3	24	36

Tabela 27 - Densidade Ataque/Defesa - Brasil - Copa das Confederações 2009

Origem	Super/Iguald	%	Inferioridade	Total
Contra-Ataque	8	57,1	6	14
Ataque Rápido	1	7,7	12	13
Ataque Posicional	2	6,7	28	30
Total	11	19,3	46	57

Tabela 28 - Densidade Ataque/Defesa – Barcelona – Campeonato Espanhol 2009/2010

Origem	Super/Iguald	%	Inferioridade	Total
Contra-Ataque	10	83,3	2	12
Ataque Rápido	2	20,0	8	10
Ataque Posicional	6	24,0	19	25
Total	18	38,3	29	47

Tabela 29 - Densidade Ataque/Defesa - Inter de Milão - Campeonato Italiano 2009/2010

Origem	Super/Iguald	%	Inferioridade	Total
Contra-Ataque	8	88,9	1	9
Ataque Rápido	2	66,7	1	3
Ataque Posicional	0	0,0	28	28
Total	10	25,0	30	40

Tabela 30 - Densidade Ataque/Defesa - Inter de Milão - Liga dos Campeões 2009/2010

Origem	Super/Iguald	%	Inferioridade	Total
Contra-Ataque	5	83,3	1	6
Ataque Rápido	1	50,0	1	2

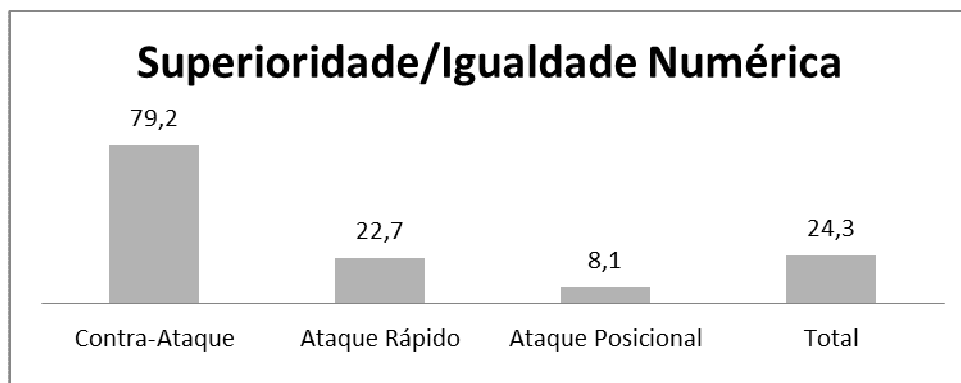
Ataque Posicional	1	9,1	10	11
Total	7	36,8	12	19

Tabela 31 - Densidade Ataque/Defesa- Espanha - Copa do Mundo 2010

Origem	Super/Iguald	%	Inferioridade	Total
Contra-Ataque	10	100,0	0	10
Ataque Rápido	1	20,0	4	5
Ataque Posicional	4	7,0	53	57
Total	15	20,8	57	72

Tabela 32 - Densidade Ataque/Defesa - Total

Origem	Super/Iguald	%	Inferioridade	Total
Contra-Ataque	57	79,2	15	72
Ataque Rápido	10	22,7	34	44
Ataque Posicional	16	8,1	181	197
Total	73	24,3	228	301



Nos resultados apresentados em todas as tabelas acima, podemos verificar nas ações de contra-ataque, que elas ocorreram em sua grande parte com superioridade ou igualdade numérica do ataque em relação à defesa. No geral, foram 79,2% das jogadas de contra-ataque aconteceram com superioridade ou igualdade numérica, enquanto nos ataques rápidos foi de 22,7%, e nos ataques posicionais, 8,1%.

Podemos relacionar esses números, com os resultados alcançados na eficácia das finalizações, sendo uma possível hipótese para essa maior eficácia dos contra-

ataques, o fato de elas acontecerem normalmente em situações de superioridade numérica, ou mesmo de igualdade. Segundo Quina (1999), as equipes que, sistematicamente, conseguem criar superioridade numérica nas sucessivas situações de jogo têm todas as probabilidades de as poderem resolver a seu favor.

Quanto à região de finalização, os dados encontrados diferiram relativamente de uma competição para a outra, conforme as tabelas que seguem.

Tabela 33 - Região de Finalização - Itália - Copa do Mundo 2006

Origem	F1 a F4	%	F11 a F14	%	F21 a F50	%	Total
Contra-Ataque	6	85,7	1	14,3	0	0	7
Ataque Rápido	3	75,0	1	25,0	0	0	4
Ataque Posicional	22	68,8	10	31,3	0	0,0	32
Total	31	72,1	12	27,9	0	0,0	43

Na Copa do Mundo de 2006, a Seleção italiana obteve uma porcentagem alta de finalizações nas regiões mais próximas ao gol, entre F1 e F4, em todas as formas de ataque. Nos contra-ataques obteve 85,7% das finalizações nas regiões entre a linha de fundo e linha da grande área, enquanto nos ataques rápidos a porcentagem foi de 75, e nos ataques posicionais foram 68,8%.

Tabela 34 - Região de Finalização – Brasil – Copa América 2007

Origem	F1 a F4	%	F11 a F14	%	F21 a F50	%	Total
Contra-Ataque	11	78,6	3	21,4	0	0	14
Ataque Rápido	6	85,7	1	14,3	0	0	7
Ataque Posicional	9	60,0	6	40,0	0	0,0	15
Total	26	72,2	10	27,8	0	0,0	36

Durante a Copa América, o Brasil realizou no total 72,2% de suas finalizações nas regiões entre F1 a F4. Em relação a cada forma de ataque, foram 85,7% nos ataques rápidos, 78,6% em contra-ataques e 60% nos ataques posicionais.

Tabela 35 - Região de Finalização – Brasil – Copa das Confederações 2009

Origem	F1 a F4	%	F11 a F14	%	F21 a F50	%	Total
Contra-Ataque	8	57,1	6	42,9	0	0	14
Ataque Rápido	3	23,1	10	76,9	0	0	13
Ataque Posicional	15	50,0	15	50,0	0	0,0	30
Total	26	45,6	31	54,4	0	0,0	57

Já na Copa das Confederações em 2009, foram 57,1% das finalizações produzidas em contra-ataque, nas regiões entre F1 e F4, 50% nos ataques posicionais e 23,1% nos ataques rápidos.

Tabela 36 - Região de Finalização – Barcelona – Campeonato Espanhol 2009/2010

Origem	F1 a F4	%	F11 a F14	%	F21 a F50	%	Total
Contra-Ataque	9	75,0	3	25,0	0	0	12
Ataque Rápido	5	50,0	5	50,0	0	0	10
Ataque Posicional	15	60,0	10	40,0	0	0,0	25
Total	29	61,7	18	38,3	0	0,0	47

Na amostra do Barcelona, foram 75% das finalizações de contra-ataque nas regiões entre F1 e F4, enquanto para o ataque posicional foram 60% e para o ataque rápido os números foram de 50%.

Tabela 37 - Região de Finalização - Inter de Milão - Campeonato Italiano 2009/2010

Origem	F1 a F4	%	F11 a F14	%	F21 a F50	%	Total
Contra-Ataque	9	90,0	1	10,0	0	0	10
Ataque Rápido	1	33,3	2	66,7	0	0	3
Ataque Posicional	10	35,7	18	64,3	0	0,0	28
Total	20	48,8	21	51,2	0	0,0	41

Tabela 38 - Região de Finalização - Inter de Milão - Liga dos Campeões 2009/2010

Origem	F1 a F4	%	F11 a F14	%	F21 a F50	%	Total
--------	---------	---	-----------	---	-----------	---	-------

Contra-Ataque	6	100,0	0	0,0	0	0	6
Ataque Rápido	2	100,0	0	0,0	0	0	2
Ataque Posicional	6	54,5	5	45,5	0	0,0	11
Total	14	73,7	5	26,3	0	0,0	19

A Inter de Milão teve um alto índice de finalizações nas regiões entre F1 e F4, nas ações de contra-ataque, tanto nos jogos analisados do Campeonato Italiano, 90%, como nas partidas das Ligas dos Campeões, 100%. Nos ataques rápidos, as porcentagens foram respectivamente 33,3 e 100%, e nos ataques posicionais, 35,7 e 54,5%.

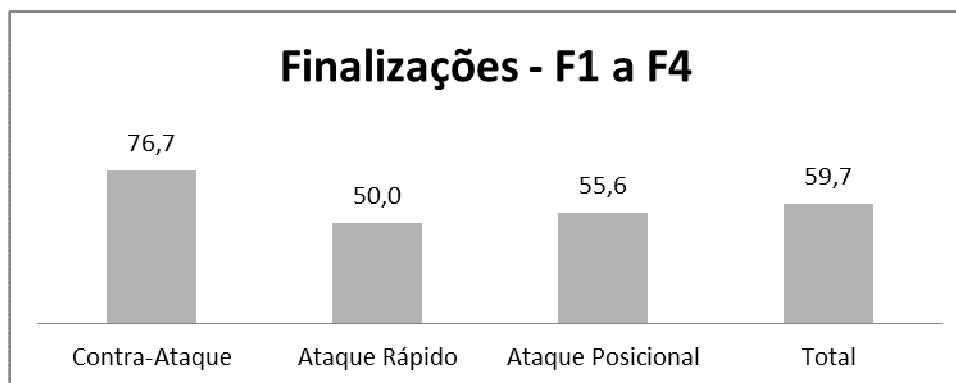
Tabela 39 - Região de Finalização – Espanha – Copa do Mundo 2010

Origem	F1 a F4	%	F11 a F14	%	F21 a F50	%	Total
Contra-Ataque	7	70,0	2	20,0	1	10	10
Ataque Rápido	2	40,0	3	60,0	0	0	5
Ataque Posicional	33	57,9	23	40,4	1	1,8	57
Total	42	58,3	28	38,9	2	2,8	72

A Espanha, durante a Copa do Mundo 2010, teve 70% das suas finalizações em contra-ataque nas quatro regiões mais próximas do gol, enquanto para os ataques rápidos e ataques posicionais a porcentagem foi de 40 e 57,9%, respectivamente.

Tabela 40 - Região de Finalização – Total

Origem	F1 a F4	%	F11 a F14	%	F21 a F50	%	Total
Contra-Ataque	56	76,7	16	21,9	1	1,4	73
Ataque Rápido	22	50,0	22	50,0	0	0	44
Ataque Posicional	110	55,6	87	43,9	1	0,5	198
Total	188	59,7	125	39,7	2	0,6	315



No total dos jogos analisados, foram 76,7% das finalizações em contra-ataques nas regiões de F1 a F4, enquanto nos ataques rápidos foram 50% e nos ataques posicionais, 59,7%.

Comparados aos dados obtidos nas tabelas anteriores, podemos considerar a hipótese de que esses números são mais altos nos contra-ataques por serem gerados em situações em que há superioridade ou inferioridade numérica, o que facilita a aproximação do gol para a finalização. Além disso, a maior proximidade da meta, nas finalizações de contra-ataque, pode ser considerada um fator determinante para a alta eficácia das finalizações nas ações em contra-ataque.

De acordo com o estudo de Moreno (1993, apud Ortega, 2002), analisando a Copa do Mundo da Itália em 1990, constatamos a relação entre a região da finalização e a sua transformação em gols. As finalizações de fora da área obtiveram uma eficácia de 27,5%, enquanto as finalizações dentro da área culminaram em gol em 45,5% das vezes.

Apresentados os dados referentes aos tipos de ataque e o aproveitamento nos diversos parâmetros estudados, passemos a segunda parte deste trabalho, buscando identificar os fatores que levam a uma maior eficácia nos contra-ataques. A primeira característica a ser explorada é o tipo de marcação.

Tabela 41 - Tipos de Marcação nos Contra-Ataques - Itália - Copa do Mundo 2006

Tipo de Marcação	Quantid.	%	sup/igual	%	F1 a F4	%	gols	%
Zona Passiva	3	42,9	3	100,0	2	66,7	1	33,3
Zona Pressão à Bola	1	14,3	1	100,0	1	100,0	1	100,0
Zona Pressing	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Ind. Por setor	3	42,9	3	100,0	3	100,0	0	0,0
Total	7	100,0	7	100,0	6	85,7	2	28,6

A Itália, na Copa do Mundo de 2006, criou 7 contra-ataques. Desses, 3 contra-ataques foram produzidos com a recuperação da bola com uma marcação em zona passiva, 3 posses de bola foram recuperadas através da marcação individual por setor, e uma através da marcação por zona pressão à bola. Nessa coleta de dados, todos os contra-ataques foram construídos em superioridade ou igualdade numérica, enquanto apenas uma das finalizações, numa jogada com recuperação de bola em marcação zona passiva não foi nas regiões entre F1 a F4.

Quanto aos gols, foram dois em contra-ataques, sendo 1 com recuperação de bola em zona passiva e 1 gol com a recuperação de bola através da marcação em zona pressão à bola. A marcação individual por setor, apesar de ter originado 3 contra-ataques, estes não resultaram em gol.

Tabela 42 - Tipos de Marcação nos Contra-Ataques - Brasil - Copa América 2007

Tipo de Marcação	Quantid.	%	sup/igual	%	F1 a F4	%	gols	%
Zona Passiva	4	28,6	2	50,0	3	75,0	1	25,0
Zona Pressão à Bola	2	14,3	1	50,0	1	50,0	1	50,0
Zona Pressing	4	28,6	2	50,0	2	50,0	0	0,0
Ind. Por setor	4	28,6	3	75,0	4	100,0	4	100,0
Total	14	100,0	8	57,1	10	71,4	6	42,9

Na Copa América de 2007, o Brasil realizou 14 finalizações oriundas de ações de contra-ataque. Dessas finalizações, 10 foram originadas por uma marcação em zona, sendo 4 de zona passiva, 4 de zona pressing e 2 de zona pressão a bola. As outras 4 finalizações aconteceram após a recuperação da posse de bola com uma marcação individual por setor.

Ocorreram 6 gols nessas jogadas, sendo que as 4 recuperações de bola com marcação individual por setor obtiveram êxito, uma aproveitamento de 100%, sendo que as finalizações aconteceram todas nas regiões entre F1 e F4, e apenas uma delas foi originada em um contra-ataque em que não houve superioridade ou igualdade numérica entre atacantes e defensores.

Também, foi marcado 1 gol, após a recuperação da posse de bola através da marcação zona passiva, e 1 gol após a marcação zona pressão à bola.

Tabela 43 - Tipos de Marcação nos Contra-Ataques - Brasil - Copa das Confederações 2009

Tipo de Marcação	Quantid.	%	sup/igual	%	F1 a F4	%	gols	%
Zona Passiva	5	35,7	4	80,0	4	80,0	2	40,0
Zona Pressão à Bola	4	28,6	1	25,0	2	50,0	2	50,0

Zona Pressing	1	7,1	1	100,0	1	100,0	0	0,0
Ind. Por setor	4	28,6	2	50,0	1	25,0	0	0,0
Total	14	100,0	8	57,1	8	57,1	4	28,6

Na Copa das Confederações 2009, o Brasil conseguiu, também, 14 finalizações em contra-ataques. Conforme os dados colhidos, os gols aconteceram após a recuperação de bola com marcação zona passiva ou zona pressão a bola (2 gols cada), sendo que as marcações em zona pressing e individual por setor foram responsáveis por 1 e 4 contra-ataques, respectivamente, mas não originaram gol.

Tabela 44 -Tipos de Marcação nos Contra-Ataques – Barcelona – Campeonato Espanhol 2009/2010

Tipo de Marcação	Quantid.	%	sup/igual	%	F1 a F4	%	gols	%
Zona Passiva	5	41,7	3	60,0	4	80,0	2	40,0
Zona Pressão à Bola	4	33,3	4	100,0	3	75,0	0	0,0
Zona Pressing	3	25,0	3	100,0	2	66,7	1	33,3
Ind. Por setor	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total	12	100,0	10	83,3	9	75,0	3	25,0

O Barcelona, na temporada 2009/2010, nos 5 jogos analisados, obteve 3 gols em contra-ataque, sendo 2 gols conquistados após a recuperação da posse de bola com a marcação em zona passiva, e 1 gol através da zona pressing.

Tabela 45 - Tipos de Marcação nos Contra-Ataques - Inter de Milão - Campeonato Italiano 2009/2010

Tipo de Marcação	Quantid.	%	sup/igual	%	F1 a F4	%	gols	%
Zona Passiva	5	55,6	4	80,0	5	100,0	2	40,0
Zona Pressão à Bola	3	33,3	3	100,0	2	66,7	0	0,0
Zona Pressing	1	11,1	1	100,0	2	200,0	1	100,0
Ind. Por setor	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total	9	100,0	8	88,9	9	100,0	3	33,3

A Inter de Milão, nas 5 partidas analisadas do Campeonato Italiano 2009/2010 produziu 9 contra-ataques. Desses, 5 foram originados de marcação zona passiva, 3 por marcação zona pressão à bola e 1 em zona pressing. Apenas um dos contra-ataques aconteceu em inferioridade numérica, tendo sido oriundo de uma marcação zona pressão a bola.

Nas finalizações, apesar de apenas 1 contra-ataque ser gerado com a recuperação de posse de bola através da marcação zona pressing, este gerou duas finalizações a gol, sendo uma no rebote, que terminou em gol.

Tabela 46 - Tipos de Marcação nos Contra-Ataques - Inter de Milão - Liga dos Campeões 2009/2010

Tipo de Marcação	Quantid.	%	sup/igual	%	F1 a F4	%	gols	%
Zona Passiva	2	33,3	1	50,0	2	100,0	1	50,0
Zona Pressão à Bola	3	50,0	3	100,0	3	100,0	3	100,0
Zona Pressing	1	16,7	1	100,0	1	100,0	0	0,0
Ind. Por setor	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total	6	100,0	5	83,3	6	100,0	4	66,7

Durante os 5 jogos finais da Liga dos Campeões, a Inter de Milão realizou apenas 6 contra-ataques, sendo 2 gerados com marcação zona passiva, 1 em marcação zona pressing, e 3 com marcação zona pressão à bola, estes últimos resultando todos em gol.

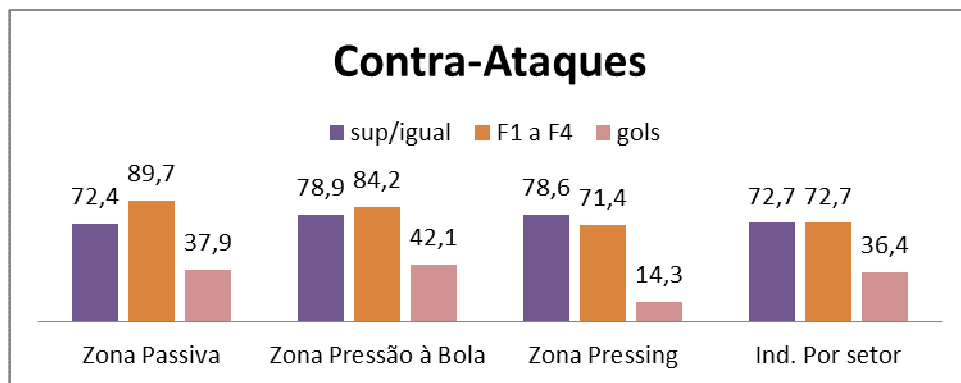
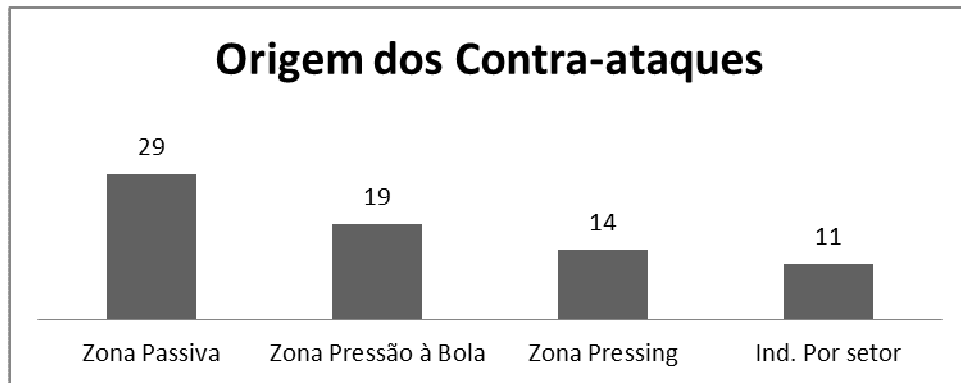
Tabela 47 - Tipos de Marcação nos Contra-Ataques - Espanha - Copa do Mundo 2010

Tipo de Marcação	Quantid.	%	sup/igual	%	F1 a F4	%	gols	%
Zona Passiva	5	50,0	5	100,0	4	80,0	2	40,0
Zona Pressão à Bola	2	20,0	2	100,0	2	100,0	1	50,0
Zona Pressing	3	30,0	3	100,0	2	66,7	0	0,0
Ind. Por setor	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total	10	100,0	10	100,0	8	80,0	3	30,0

Na Copa do Mundo da África do Sul, a Espanha finalizou 98 vezes, sendo apenas 10 em contra-ataques. Desses contra-ataques, aconteceram 3 gols. A marcação em zona passiva foi responsável por 50% da produção de contra-ataques, e desses, todos aconteceram em superioridade ou igualdade numérica, ocasionando em 2 gols. A marcação em zona pressão à bola produziu 2 contra-ataques e originou 1 gol.

Tabela 48 - Tipos de Marcação nos Contra-Ataques - Total

Tipo de Marcação	Quantid.	%	sup/igual	%	F1 a F4	%	gols	%
Zona Passiva	29	39,7	21	72,4	26	89,7	11	37,9
Zona Pressão à Bola	19	26,0	15	78,9	16	84,2	8	42,1
Zona Pressing	14	19,2	11	78,6	10	71,4	2	14,3
Ind. Por setor	11	15,1	8	72,7	8	72,7	4	36,4
Total	73	100,0	55	75,3	60	82,2	25	34,2



No total, foram analisadas 73 ações de contra-ataque resultantes em finalizações. Dessas, 25 resultaram em gols. O maior número de contra-ataques foi gerado através da marcação em zona passiva, 39,7%, sendo que 89,7% dessas ocasionaram finalizações nas regiões entre F1 a F4, e 37,9% delas resultaram gols.

A marcação zona pressão à bola teve o melhor aproveitamento em relação à eficácia das finalizações, sendo que 42,1% resultaram em gols. Essa marcação teve um alto número de finalizações nas regiões F1 a F4, 84,2%.

A marcação individual originou 4 gols, com eficácia nas finalizações de 36,4%, enquanto a zona pressing, no presente estudo foi responsável por 11 finalizações, e dessas, apenas 1 resultou em gol.

Com base no campograma adaptado de Garganta (1997), dividimos o campo de futebol em quatro áreas, de acordo com a distância da baliza de ataque. Assim as regiões 1, 2 e 3 do referido campograma corresponderão à zona “A”, as regiões 4, 5 e 6 à zona “B”, as regiões 7, 8 e 9 à zona “C” e as regiões 10, 11 e 12 à zona “D”. Assim, buscamos identificar se o local de recuperação da bola, para a construção do contra-ataque, tem relevância nos resultados alcançados.



Tabela 49 - Quanto a zona de recuperação da bola - Total

Local	Quantid.	%	sup/igual	%	F1 a F4	%	gols	%
ZONA A	20	28,2	15	75,0	18	90,0	8	40,0
ZONA B	19	26,8	16	84,2	17	89,5	9	47,4
ZONA C	23	32,4	17	73,9	14	60,9	6	26,1
ZONA D	9	12,7	8	88,9	6	66,7	2	22,2
Total	71	100,0	56	78,9	55	77,5	25	35,2

Foram 71 recuperações de bola, que originaram 73 finalizações em contra-ataques. Os resultados gerais mostraram pouca relação entre o local de recuperação de bola, a superioridade ou igualdade numérica, a proximidade do gol na finalização, e a conversão em gols dessas finalizações.

Quando a bola foi recuperada na zona “D”, que é a região mais próxima ao gol adversário, foram obtidos os melhores resultados relativos à superioridade ou igualdade numérica, com 88,9%, embora apenas 66,7% das finalizações ocorreram nas regiões entre F1 e F4 e apenas 22,2% das finalizações foram convertidas em gol.

Aos contra-ataques iniciados com recuperações de posse de bola na zona “B”, compreendida entre o meio-campo e linha imaginária que divide a metade defensiva do campo de futebol mais próxima ao gol adversário, teve o segundo melhor índice de superioridade ou igualdade numérica nos contra-ataques, com 84,2%, e obteve ótimos resultados quanto à região de finalização, sendo que 89,5% foram nas regiões entre F1 e F4, e 47,4% culminaram em gol.

Ainda quanto à região de recuperação da posse de bola, dividindo o campo em região central e lateral, identificamos o local onde aconteceram as recuperações, para a construção dos contra-ataques e os resultados conseguidos.

Tabela 50 - Quanto à região de recuperação da bola - Central ou Laterais

Local	Quantid.	%	sup/igual	%	F1 a F4	%	gols	%
Meio	46	64,8	37	80,4	35	76,1	19	41,3
Laterais	25	35,2	19	76,0	19	76,0	6	24,0
Total	71	100,0	56	78,9	54	76,1	25	35,2

Conforme os resultados encontrados, podemos identificar que nas partidas analisadas houve um aproveitamento parecido quanto a região de recuperação de bola. Nos contra-ataques iniciados quando a bola foi recuperada nas regiões centrais do campo, foram 46 bolas recuperadas, 64,8% do total, sendo que a partir dessas recuperações, 37 (80,4%) contra-ataques aconteceram em superioridade ou igualdade numérica, 35 (76,1%) foram concluídos com finalizações nas regiões entre F1 e F4, e dessas finalizações, 41,3%, 19 resultaram em gol.

Nas laterais foram 25 (35,2%) recuperações de posse de bola, gerando 19 (76%) contra-ataques em superioridade ou igualdade numérica, gerando 14 finalizações nas regiões entre F1 e F4, 76%, e dessas, aconteceram 6 gols (24%).

Na tabela abaixo, apresentamos as recuperações de bola de acordo com o tipo de marcação utilizada pelas equipes.

Tabela 51 - Marcação e a zona de recuperação de bola nos contra-ataques – Total

Forma de defesa	Quantid.	%	A	%	B	%	C	%	D	%
Zona Passiva	29	40,8	17	58,6	8	27,6	4	13,8	0	0,0
Zona Pressão à Bola	19	26,8	0	0,0	4	21,1	8	42,1	7	36,9
Zona Pressing	12	16,9	1	8,3	3	25	6	50,0	2	16,7
Ind. Por setor	11	15,5	2	18,2	4	36,3	5	45,4	0	0,0
Total	71	100,0	20	32,2	19	27,1	23	28,8	9	11,9

Dessa forma, pudemos identificar que na marcação em zona passiva acontecem mais recuperações de bola no campo defensivo, sendo 58,6% na zona “A”, e 27,6% na zona “B”, e 13,8% na zona “C”.

As marcações em zona pressão à bola e em zona pressing, segundo os estudos, possibilitam uma recuperação de bola nas regiões mais próximas à baliza adversária. As recuperações de bola no campo de ataque (zonas “C” e “D”) foram 79% na marcação zona pressão à bola e 66,7% na marcação em zona pressing.

A marcação individual por setor teve maior concentração de recuperação de bola nas zonas centrais de jogo (zonas “B” e “C”), com 81,7% do total.

Quanto ao tipo de marcação, podemos também identificar se essas recuperações acontecem pelos setores de meio de campo ou pelas laterais.

Tabela 52 - Tipo de marcação e a região de recuperação de bola nos contra-ataques

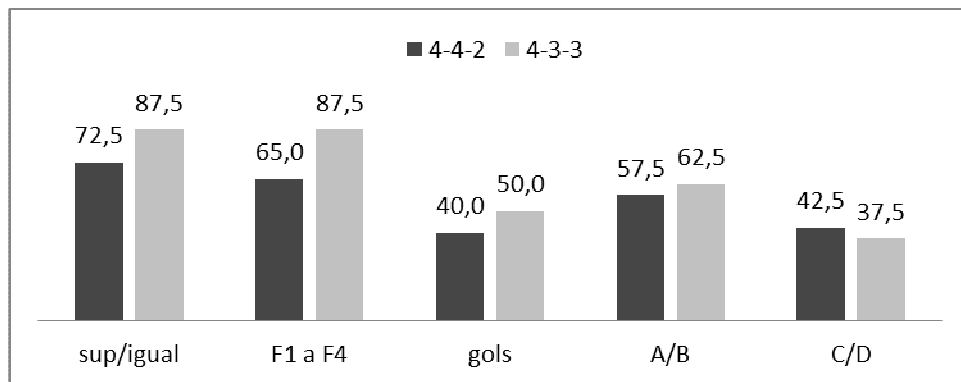
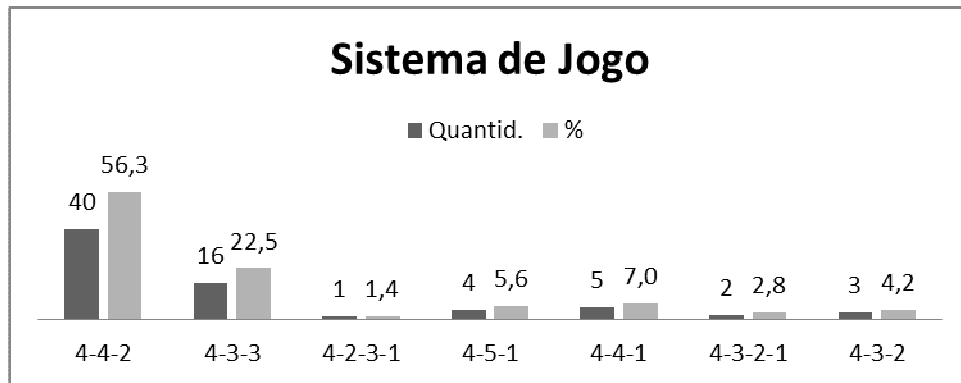
Tipo de Marcação	Meio	%	Laterais	%
Zona Passiva	20	69,0	9	31,0
Zona Pressão à Bola	11	57,9	8	42,1
Zona Pressing	7	58,3	5	41,7
Ind. Por setor	8	72,7	3	27,3
Total	46	64,8	25	35,2

No cruzamento desses parâmetros, foi possível constatar um equilíbrio, sendo desprezível a diferença porcentual encontrada, entendendo-se que todos os tipos de marcação culminaram em um número maior de recuperações de bola nas regiões centrais do campo, entre 58 e 73%.

Finalizando, temos os resultados abaixo, de acordo com os sistemas de jogo das equipes, expostos numericamente, conforme explicitado na revisão de literatura.

Tabela 53 - Recuperação de bola - Sistema de jogo utilizado – Total

Sistema de jogo	Quantid.	%	sup/igual	%	F1 a F4	%	Gols	%	A/B	%	C/D	%
4-4-2	40	56,3	29	72,5	26	65,0	16	40,0	23	57,5	17	42,5
4-3-3	16	22,5	14	87,5	14	87,5	8	50,0	10	62,5	6	37,5
4-2-3-1	1	1,7	1	100,0	1	100,0	0	0,0	1	100,0	0	0,0
4-5-1	4	6,8	4	100,0	4	100,0	0	0,0	3	75,0	1	25,0
4-3-2-1	2	2,8	2	100,	2	100,0	0	0,0	1	50,0	1	50,0
4-4-1	5	7,0	4	80,0	3	60,0	1	20,0	1	20,0	4	80,0
4-3-2	3	4,2	2	66,7	3	100,0	0	0,0	1	33,3	2	66,7
Total	71	100,0	56	78,9	53	74,6	25	35,2	40	56,3	31	43,7



Pelo pequeno número de jogadas analisadas, fica difícil utilizar na comparação os sistemas de jogo 4-2-3-1, 4-5-1, 4-4-1 e 4-3-2, as últimas duas em situações em que a equipe teve um jogador expulso.

Conforme os dados, o sistema de jogo mais utilizado nos jogos analisados foi o do 4-4-2, e também foi o que mais proporcionou contra-ataques, com 56,3% do total. A superioridade numérica aconteceu em 72,5% das jogadas, um pouco abaixo do computo geral, que foi de 78,9%. Quanto à região de finalização, foram 26 (65%) nas regiões de F1 a F4, também abaixo dos números alcançados no total de jogos analisados. Já em relação à eficácia das finalizações, ou seja, a conversão delas em gol, o aproveitamento foi de 40%, contra 35,2% dos gols em contra-ataques de todas as partidas analisadas. Além disso, com o 4-4-2, a zona de recuperação de bola foi bastante próxima do encontrado no total. Foram 57,5% nas zonas “A” e “B” e 42,5% nas zonas “C” e “D”, contra, respectivamente, 56,3% e 43,7% no total de lances analisados.

O sistema de jogo do 4-3-3 foi responsável por 22,5% das jogadas de contra-ataque, acontecendo em superioridade ou igualdade numérica em 87,5% das ações, 87,5% das finalizações aconteceram nas regiões entre F1 e F4, sendo que 50% delas foram

convertidas em gol. As recuperações de posse de bola ocorreram em 62,5% das vezes no campo de defesa da equipe, nas zonas “A” e “B”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os resultados obtidos, verificou-se que os contra-ataques são responsáveis por pequena parcela das finalizações no futebol, no presente estudo chegando 16,7% do total, números mais significativos do que os encontrados por Barletta (2009), 4,86%, em 63 jogos da Taça Libertadores da América e da Liga dos Campeões da Europa, nas temporadas de 2007 e 2008. O ataque posicional mostrou-se a forma de ataque que mais proporciona finalizações, com 45,8%. As jogadas em bolas paradas, também demonstraram grande importância, originando 27,2% de todas as finalizações, resultados bem próximos ao apresentado por Barletta (2009), no estudo citado acima, no qual o total de finalizações por esse tipo de ação chegou a 24,3%. O ataque rápido foi o modelo que menos produziu finalizações, com 45, de um total de 380 finalizações.

Yannakos e Armatas (2005, apud Barbosa, 2009) constataram que existe pouca frequência de contra-ataque no futebol moderno, no entanto é considerado um método de jogo mais eficaz comparativamente a outros métodos de jogo mais elaborados.

Em relação à eficácia das finalizações, o contra-ataque foi à forma de ataque que atingiu melhores resultados, com 34,2%, o que representa uma média aproximada a 1 gol a cada 3 finalizações. Comparado ao número de finalizações em contra-ataque, que é de apenas 16,7% do total, enquanto o número de gols em contra-ataque foi de 32,9% do total, podemos elencar duas hipóteses: a de que é mais difícil finalizar em ações de contra-ataque ou que as equipes estão pouco preparadas para a sua realização. De certo é que, quando as finalizações são conseguidas dessa forma, elas têm uma alta probabilidade, (1/3 no presente estudo) de alcançar o objetivo principal de uma equipe de futebol, que é alcançar o gol. E esses resultados são, de certa forma, explicados por outros fatores investigados nesse estudo: 79,2% das ações de contra-ataque culminadas em finalização aconteceram com superioridade ou igualdade numérica de atacantes em relação aos defensores e 76,7% das finalizações ocorreram nas regiões mais próximas do gol, entre F1 e F4.

Corroboram com esses resultados o trabalho de Gonçalves (2005), num estudo realizado sobre a eficácia do processo ofensivo em equipes de diferentes campeonatos, concluiu que o contra-ataque foi o método de jogo que originou maior número de sequências ofensivas positivas para todos os campeonatos analisados.

Para Barbosa (2009), o método de jogo ofensivo mais eficaz no campeonato italiano é o contra-ataque, constatado que a maior parte das sequências ofensivas verificadas

no campeonato italiano foram originadas através de recuperações de bola em zonas próximas à baliza adversária, assim como posteriormente da utilização do contra-ataque como método de jogo ofensivo. Isto nos revela que um contra-ataque não é somente um padrão de jogo ofensivo que tem como zona inicial obrigatória do seu processo ofensivo a zona do meio campo defensivo de uma equipe. Levando-nos a acreditar que o contra-ataque se caracteriza por uma rápida transição desde a zona de recuperação da posse da bola até à zona de finalização, assim como do aproveitamento da desorganização coletiva da equipe adversária (Castelo, 1994; Garganta, 1997), e não esta dependente da zona de terreno de jogo onde se inicia.

As finalizações em bola parada obtiveram uma eficácia de 16,8%, enquanto para os ataques posicionais essa porcentagem foi de 13% e os ataques rápidos, 11,1%.

Dessa forma, nas partidas analisadas, podemos concluir que o contra-ataque foi a forma de ataque mais eficiente da amostra. Ainda, de acordo com os resultados obtidos nesse estudo, com baixo número de finalizações originadas em jogadas de contra-ataque, que esse tipo de ação ainda não tem sido explorada adequadamente pelas principais equipes, exceção feita ao Brasil durante a Copa América de 2007, na qual a Seleção Brasileira conseguiu 14 finalizações através dessas ações, 28,6% do total.

Estando comprovada a importância do contra-ataque no futebol, buscamos identificar quais ferramentas de marcação seriam as mais adequadas na construção dessas ações de ataque.

Quanto ao tipo de marcação, a que mais produziu contra-ataques seguidos de finalização foi a zona passiva, responsável por 39,7% dessas ações, enquanto a marcação em zona pressão à bola originou 26% das finalizações, enquanto zona pressing originou 19,2 e a individual por setor obteve 15,1% das finalizações.

Na variável densidade ataque/defesa, todos os tipos de marcação conseguiram uma porcentagem aproximada, entre 72 e 79% de superioridade ou igualdade numérica, não havendo diferenças consideráveis.

Analisando as regiões de finalização, as marcações em zona passiva e zona pressão à bola tiveram maior número de finalizações nas regiões entre F1 e F4, 89,7 e 84,2% respectivamente. Dessas finalizações, 11 gols foram originadas em contra-ataques, com a recuperação da bola em zona passiva, e 8 gols com a recuperação de bola através da marcação em zona pressão à bola. A marcação individual por setor obteve aproveitamento de 36,4% de

gols, em relação às finalizações. A zona pressing foi a que obteve pior eficácia, apenas 2 gols em 14 finalizações.

A zona de recuperação de bola “B”, que é a região compreendida entre o meio-campo e linha imaginária que divide a metade defensiva do campo de futebol, foi a que obteve ótimos resultados relativos em todos os aspectos, com 84,2% em superioridade ou igualdade numérica, 89,5% de finalizações nas regiões entre F1 e F4 e 47,4% das finalizações convertidas em gol.

A marcação individual por setor foi a que obteve mais recuperações na zona B. As marcações zona pressão à bola e zona pressing foram as que obtiveram mais recuperações de bola nas zonas C e D, originando contra-ataques a partir dessas regiões mais próximas ao gol.

Com referência o sistema de jogo utilizado, no presente estudo, originou mais finalizações em contra-ataques o sistema de jogo 4-4-2 (56,3%). Já o 4-3-3 foi o sistema de jogo utilizado na recuperação de 22,5% das posses de bola que iniciaram contra-ataques com finalização. Esse sistema de jogo foi o que obteve melhor desempenho relativo, com 87,5% das ações acontecendo em superioridade ou igualdade numérica, 87,5% das finalizações nas regiões F1 a F4, e 50% das finalizações convertidas em gols.

Analisando os resultados, apresentamos as seguintes hipóteses:

- A marcação em zona passiva, por sua definição, é a que melhor preserva a organização tática da equipe, no momento da recuperação de bola e na transição defesa-ataque, o que por consequência, possibilitou um maior número de finalizações, e uma boa eficácia nesses arremates. Outro fator importante seria a utilização mais corriqueira dessa marcação, devido a ser um modelo que provoca menor desgaste físico;

- As marcações zona pressing e zona pressão à bola são as que proporcionam uma recuperação de posse de bola em zonas mais próximas ao gol adversário, mas obtiveram menor efetividade devido ao desgaste físico proporcionado por elas, possivelmente, por isso, sendo usadas em momentos específicos de jogo;

- Nos contra-ataques, quando a posse de bola foi recuperada na zona B, houve um melhor aproveitamento das jogadas, o que seria ocasionado pelo distanciamento dos jogadores de equipe adversária em relação a própria meta, possibilitando o aproveitamento de momentos de desorganização defensiva do adversário;

- O 4-4-2 foi o sistema de jogo que mais originou contra-ataques pois foi a mais utilizada pelas equipes estudadas;

- O 4-3-3 foi o sistema de jogo que obteve melhores resultados nos contra-ataques, quanto a densidade ataque/defesa, região de finalização e gols obtidos, por ser composta por mais jogadores na linha de ataque da equipe, 3.

- O formulário de análise de jogos criado pelo autor poderá ser utilizado na análise de outros dados como dos princípios operacionais de defesa, forma de aquisição da posse de bola, forma de transição defesa-ataque, tempo de duração do ataque, número de jogadores participantes, bem como explorar mais profundamente os parâmetros utilizados no presente estudo.

Os resultados apenas refletem os acontecimentos da amostra estudada. Servem como base para o desenvolvimento dos modelos de jogo a serem implantados por cada treinador. Segundo Azevedo (2011), não parece que qualquer estudo tenha grande valência prática se esses mesmos treinadores não tiverem uma concepção de jogo bem definida, um conjunto de ideias, de grandes princípios que orientem todo o processo de treino, sempre dentro de um determinado contexto específico.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMIEIRO, N., **Defensa em zona em el fútbol**, Espanha, 2007.

AMIEIRO, N., BARRETO, R., OLIVEIRA, B., RESENDE, N., **Mourinho, por quê tantas vitórias?**, Lisboa, 2006.

AZEVEDO, J. P., **Por dentro da tática – A construção de uma forma de jogar específica**, Portugal, 2011.

BARLETTA, F. G., **Análise de origem, ocorrência e execução dos gols no futebol**, Porto Alegre, 2009.

BARBOSA, P. F. A. F., **Eficácia do processo ofensivo em futebol**, Porto, 2009.

BESSA, P. F. S., **Posicionamento defensivo em lances de bola parada no futebol de alto nível**, Porto, 2010.

CUBEIRO, J. C., GALLARDO, L., **Mourinho versus Guardiola – dois métodos para um mesmo objetivo**, Portugal, 2011.

DIAS, A. M. P.C., **O modelo de jogo enquanto referencial orientador da tomada de decisão do jogador de futebol**, Porto, 2009.

FESTA, F., **Importância, Comportamentos e Operacionalização da Transição Ataque-Defesa no Futebol inserida num contexto de jogo colectivo**, Porto, 2009.

GARGANTA, J. M. S., **Modelação táctica do jogo de futebol – Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento**, Lisboa, 1997.

GROUP, D., **Futebol: Regras e Táticas**, 1979.

HOLT, N. e LLOYD, G., **Futebol Total**, Inglaterra, 2006.

LEITÃO, R. A. A., **A lógica do jogo e o desejo dos treinadores: 25 passes, 55 segundos e gol da Argentina**. Portal: <http://www.universidadedofutebol.com.br>, 2009.

LEITÃO, R. A. A., **Fazer pressão e fazer pressing: entendendo as diferenças**, <http://www.universidadedofutebol.com.br>, 2010.

LEITÃO, R. A. A., **Futebol – Análises qualitativas e quantitativas para verificação e modulação de padrões e sistemas complexos de jogo**, Campinas, 2004.

LEITÃO, R. A. A., **O jogo de futebol: investigação de sua estrutura, de seus modelos e da inteligência de jogo, do ponto de vista da complexidade**, Campinas, 2009.

NASCIMENTO, P. M. M., **Caracterização da transição defesa-ataque de uma equipa de sucesso no futebol contemporâneo**, Porto, 2008.

ORTEGA, J. P., **Análisis funcional del futbol como deporte de equipo**, Sevilla, 2002.

PARREIRA, C.A., **Evolução tática e estratégias de jogo**, Rio de Janeiro, 2005.

PEREIRA, R. F. C., **Estudo das motivações do adepto de futebol**, Porto, 2002.

QUINA, J. N., **Futebol: Referências para a organização do jogo**, Bragança, 1999.

RAMOS, A. T., **Uma desbarometrização conceito-comportamental das zonas pressing**, Porto, 2005.

RAMOS, M. J. A., **Fase ofensiva em futebol – Análise sequencial de padrões de jogos ofensivos relativos à Selecção Nacional de Espanha no Euro 2008**, Porto, 2009.

ROCHA, T. M. D., **A importância das “Situações de Bola Parada” na Finalização com êxito no futebol**, Porto, 2009.

SOARES, F. A. M., **Análise comparativa da eficácia ofensiva entre as equipas do F.C. Porto e F.C. Barcelona**, Porto, 2009.

VALDANO, J., COELHO, P. V., BEBETO, **Futebol passo a passo: técnica, tática e estratégia**, São Paulo, 2006.

VENDITE, C., **Sistema, Estratégia e Tática de Jogo no Futebol: Análise do conhecimento dos profissionais que atuam no futebol**, Campinas, 2006.

